



Confraria dos Livros Bons



O RETORNO DO GUARDIÃO

PELO ESPÍRITO SETE PORTEIRAS
MÉDIUM ROBERTO R. RODRIGUES

2ª EDIÇÃO



O RETORNO DO GUARDIÃO

POR MEIO DE UMA NARRATIVA LÚDICA E INSPIRADORA, SETE PORTEIRAS CONTA A HISTÓRIA DE BONIFÁCIO E ATANAGILDO, DOIS GUARDIÕES ADMIRADOS PELA INTEGRIDADE E MUITO CONHECIDOS PELA REPUTAÇÃO DE DESBOCADOS E BRINCALHÕES.

DETERMINADO A CONQUISTAR AVANÇO EVOLUTIVO, BONIFÁCIO REENCARNA COM UMA BELA MISSÃO E, PARA SUPERAR AS DIFICULDADES DA EXISTÊNCIA, CONTA COM A AJUDA DE ATANAGILDO, QUE APESAR DA INEXPERIÊNCIA, ABRAÇA A TAREFA DE GUIA, CONSELHEIRO E PROTETOR.

AO LADO DE UMA FAMÍLIA TRADICIONAL, ENDINHEIRADA E MUITO PREOCUPADA COM APARÊNCIAS, ESSES DOIS EXUS PROVOCAM INÚMEROS VEXAMES, CAUSAM GRANDES PREJUÍZOS, FAZEM UMA CAMINHADA MARCADA POR IMPRUDÊNCIAS, MAS NO FINAL ENCONTRAM EXATAMENTE O QUE BUSCAVAM.

“A VIDA SEMPRE OFERECE TUDO QUE O ESPÍRITO PRECISA PARA EVOLUIR.”



Um Espírito
Ensinou

O RETORNO DO GUARDIÃO

Pelo Espírito Sete Porteiras
Médium Roberto R. Rodrigues

∞Lilian Campos∞

Copyright/2022

2ª edição

Copyright © Lilian Campos. 2022

Autora

∞Lilian Campos∞

ISBN: 978-65-00-39686-7

Capa

Lilian Campos

Diagramação

Roberto R. Rodrigues

Revisão

Roberto R. Rodrigues

C198r

Campos, Lilian

O Retorno do Guardião/ Lilian Campos –

2. Ed. – Foz do Iguaçu – PR: Edição da autora, 2024.

161 p.: 14,8 x 21 cm.

ISBN: 978-65-00-39686-7

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93

CDU: 133.7

ATENÇÃO!

Como aviso, esclarecemos que a história desse livro é baseada em fatos reais e pode apresentar temas adultos, abusos de substâncias, descrições perturbadoras e palavras ofensivas.

Tenha cuidado com menores de 16 anos. Para preservar a identidade de encarnados e desencarnados citados e envolvidos nas obras, todos os nomes, datas e locais foram propositalmente modificados.

Tal medida não altera a essência do trabalho, que mantém a autenticidade dos ensinamentos e veracidade dos acontecimentos principais. Essa obra tem como objetivo mostrar a realidade dos fatos que permeiam a vida da humanidade, portanto, muitos relatos podem parecer desagradáveis e insensíveis, pois expõe com clareza a condição evolutiva dos seres que hoje estagiam no campo terreno.

Sumário

[Prefácio.](#)

[Capítulo 1](#)

[O Retorno do Guardião](#)

[Capítulo 2](#)

[Sem Limites](#)

[Capítulo 3](#)

[Fora de Controle](#)

[Capítulo 4](#)

[O Caminho da Luz](#)

[CONHEÇA AO OUTRAS OBRAS DA ESCRITORA](#)

Prefácio.

A história de Bonifácio quebra o paradigma de que, após o desencarne, o espírito se ilumina.

As viciações alimentadas entre as múltiplas manifestações na matéria persistem bravamente e exigem constantes aprimoramentos.

As virtudes e os vícios adquiridos durante a caminhada terrena representam a bagagem do espírito, que entre os períodos de erraticidade e estágios no plano físico, encontra as oportunidades de avanço, desfazendo-se da carga desnecessária.

A iluminação não acontece nos planos superiores, ela realiza-se no campo terreno, onde o espírito é submetido às provas, expiações e encontra às oportunidades para testar a sabedoria, a bondade e a grandeza espiritual, que comprovam o grau evolutivo, dando-lhe o brilho dos seres iluminados.

A Autora.

Capítulo 1

O Retorno do Guardião

Acomodados em uma sala tranquila no Ministério da Reencarnação, Bonifácio e Atanagildo, dois elegantes guardiões que retornaram para o plano espiritual em meados do século XIX, conversavam animadamente.

Olhando fixamente para os gráficos e documentos espalhados sobre a mesa, Bonifácio deslizou as mãos sobre o colete de tecido fino, em seguida alisou a barba bem aparada, deu um discreto sorriso de canto mostrando o olhar misterioso e conclui:

—Vai dar certo! Confio que conseguirei passar pelas provas e não me deixarei iludir pelas facilidades da riqueza.

Atanagildo observou o relatório que mostrava detalhadamente as provas do planejamento reencarnatório e olhou seriamente para a porta quando Antônio entrou falando com alegria:

— Eu vim me despedir do amigo! Soube que você está de malas prontas!

Com o costumeiro sorriso brincalhão, Bonifácio tirou a cartola, o abraçou com força e respondeu:

— Sim meu amigo! Está na hora de dar mais um passo na caminhada evolutiva! Já faz muito tempo que estou desse lado! Preciso caminhar, não é mesmo?

— Com certeza! Todos nós precisamos caminhar! É um bom momento para reencarnar, acabou-se a escravidão e no Brasil não tem grandes guerras, creio que seja uma época promissora. Você já conheceu a futura família?

Bonifácio acenou a cabeça concordando e respondeu entre risos divertidos:

— Sim, há algum tempo venho me aproximando e observando o comportamento dos meus futuros pais. A minha tarefa será ajudá-los a lapidar a personalidade ativa.

Lembrando-se que Bonifácio e Atanagildo eram conhecidos pela fama de brincalhões, discretamente Antônio analisou os rostos sorridentes, que mostravam o vigor dos trinta anos e uma confiança um tanto quanto ousada para a ocasião. Imaginando as dificuldades dos pais, que receberiam um Exu com reputação de sarcástico, burlesco e provocativo, ele perguntou com discreta curiosidade:

— Posso saber como você vai ajudar a família?

Bonifácio deu um sorriso de canto e respondeu:

— Os ajudarei a conquistar mais humildade. Trata-se de uma família tradicional do Rio de Janeiro, são pessoas boas, mas o dinheiro os deixou arrogantes. Eles gostam de se sentir especiais e adoram manter a pose. Eu vou ajudá-los a superar esses hábitos daninhos, sabe como é, sou uma pessoa espirituosa que provavelmente causará alguns constrangimentos em certas ocasiões. É óbvio que terei outras missões, para adiantar a marcha evolutiva, aceitei trabalhar como médium. Ao completar 21 anos sentirei o chamado para tarefa.

Antônio olhou de canto para Atanagildo, que compartilhava a risada animada, e perguntou com desconfiança:

— Não me diga que você será o guardião do Bonifácio?

Atanagildo gargalhou alto e respondeu:

— Adivinhou! E qual é o problema, meu amigo? Você parece espantado!

Antônio sorriu de canto e respondeu cautelosamente:

— Bem... Vocês são bem conhecidos desse lado. Muitos comentam sobre os dois guardiões brincalhões e desbocados que vivem levando broncas dos superiores! Veja bem, meu amigo Atanagildo, eu não duvido da sua capacidade, mas acho um pouco arriscado. Você sabe que guiar um encarnado é uma tarefa que exige muita responsabilidade e nem sempre as brincadeiras são adequadas. Você acredita que está realmente preparado para essa missão?

Atanagildo bateu amigavelmente no ombro de Antônio e respondeu:

— Eu compreendo a sua preocupação, mas ficará tudo bem. Há muito tempo estou me preparando para essa tarefa. Eu admito, gosto de brincadeiras, por isso tenho tanta afinidade com o Bonifácio, mas sei que a tarefa exige muito empenho e seriedade.

Balançando a cabeça levemente, Bonifácio concordou:

— O Atanagildo se preparou bastante, ele vai dar conta. Os hábitos que eu ainda não superei serão as ferramentas para ajudar esse casal que, em contrapartida, me ajudará a conquistar mais responsabilidade. Eles sonham com um filho exemplar que dê brilho ao nome da família, mas não serei exatamente aquilo que eles esperam. Sabe como é... A reencarnação não transforma a personalidade da noite para o dia! Eu levarei as manias pertinentes e uma delas é a língua afiada.

Atanagildo completou:

— Até certa idade, o Bonifácio será uma criança hiperativa e dará muito trabalho para os pais, mas depois se acalmará e começará a seguir os caminhos que o levarão para o trabalho mediúnico. Nós sabemos que esse gosto pelas anedotas e a mania de falar certos palavrões vai persistir durante alguns anos, mas confio que ele vai superar.

Sem mostrar muita confiança, Antônio respondeu:

— Eu entendo, eu entendo! Vocês são brincalhões e às vezes até passam um pouco dos limites, mas todos sabem que, acima de tudo, são justos, honrados e verdadeiros seguidores da Ordem Divina. Eu sempre os admirei pela coragem e honestidade com que servem ao Cordeiro protegendo os cemitérios, mas na matéria as coisas são muito diferentes. Esse é um projeto bem desafiador, os amigos sabem que isso pode sair do controle? Se a rebeldia infantil criar raízes, pode se tornar um problema!

Os dois guardiões trocaram as habituais risadas debochadas, acenaram a cabeça concordando e Atanagildo respondeu:

— Nós conhecemos os riscos, mas juro que farei o possível para impedir que projeto reencarnatório saia dos trilhos. O Bonifácio está totalmente consciente das inúmeras probabilidades, sempre existem riscos em uma reencarnação.

Diante do empreendimento arriscado, Antônio concluiu que Deus sempre sabe o que faz, apertou a mão de Bonifácio e disse com sincera amizade:

— Meu amigo, eu desejo muita sorte nessa nova empreitada e faço votos de que consiga cumprir o seu planejamento! A nossa falange sentirá a sua falta, você sempre foi um excelente companheiro e muitas vezes as suas brincadeiras tornaram o trabalho mais leve.

Bonifácio retribuiu o aperto de mão, sorriu com confiança e afirmou:

— Logo estarei de volta e pretendo retornar com um pouco mais de luz!

Após as despedidas, Antônio olhou com bondade, puxou a ponta da cartola em sinal de cavalheirismo e saiu imaginando como se sentiria quando fosse o seu momento de reencarnar.

No ano de 1908, Bonifácio reencarnou na cidade do Rio de Janeiro como Pedro Lucas, o primeiro e único filho de Hortência e Joaquim Furtado, um casal extremamente tranquilo e amoroso, mas muito apegado às aparências.

Como herdeira de um grande patrimônio, enquanto o marido administrava os negócios, Hortência ocupava grande parte do tempo com as festas beneficentes que sempre davam mais brilho ao nome da família.

Acostumada com o sossego da mansão, dividida apenas com o marido e meia dúzia de empregados, nos primeiros dias, Hortência estranhou os choros noturnos que cortavam o silêncio dos corredores, mas a personalidade tranquila movida pelo amor ao filho recém-nascido era forte o suficiente para moldar a nova rotina.

Ao completar duas semanas de vida, enquanto Hortência movimentava levemente a cadeira de balanço, Pedro sentia o prazer do colo aconchegante, olhava com curiosidade para o rosto de pele branca com grandes olhos azuis e ensaiava os primeiros sorrisos.

Certo de que a esposa estava no quarto do filho, Joaquim entrou cuidadosamente olhando com orgulhos e disse:

— O almoço está servido, minha querida. Coloque o Pedrinho no berço e venha.

Carinhosamente Hortência acomodou o filho no berço, o cobriu com a manta e quando se afastou ouviu o berro desesperado.

Visivelmente cansada, Hortência olhou com aborrecimento e lamentou:

— Joaquim, eu não sei mais o que fazer. Basta eu me afastar alguns metros que ele começa a chorar. Eu passei a noite acordada e estou muito cansada.

Joaquim pegou o filho no colo, embalou com profundo carinho, acariciou os cabelos ainda ralos e sorriu com satisfação quando notou os olhos pequenos se fechando lentamente.

Dez minutos depois, Joaquim acomodou Pedro no berço, se afastou pisando na ponta dos pés e quando chegou à porta, novamente ouviu o grito alto ecoar pelo quarto.

Aflito com os berros, Joaquim passou o lenço no pescoço e falou com preocupação:

— Ora pois! Mas qual é o problema dessa criança? Será que está com dores?

— Não sei Joaquim! Ontem eu conversei com o pediatra, ele afirmou que o Pedrinho está bem e não tem problemas de saúde, mas algumas crianças são mais agitadas.

Para acabar com os berros, mais uma vez, Joaquim acolheu Pedro nos braços, começou a embalar andando de um lado para o outro e murmurou:

— E como grita forte!

Hortência sentou-se na cadeira de balanço, esticou os braços e pediu:

— Dê-me o menino, eu sei que você precisa voltar para o trabalho, pode almoçar, depois eu faço um lanche.

— Temos que resolver este problema! Você não pode continuar assim! Precisa dormir e se alimentar! Hoje mesmo vou contratar uma babá. Sei que tu querias cuidar sozinha do gajo, mas desse jeito torna-se cansativo demais!

Hortência acenou a cabeça concordando e pediu:

— Faça isso, Joaquim! Contrate uma boa moça. Eu gostaria muito de cuidar sozinha do Pedrinho, mas estou exausta!

Joaquim a beijou carinhosamente e pediu:

— Fique tranquila! Hoje mesmo resolvo esse problema! Mandarei um dos empregados servir o seu almoço aqui no quarto, você não pode ficar sem comer!

No final da tarde, Joaquim retornou do trabalho, seguiu ansiosamente para o quarto do filho e ao encontrar a esposa com semblante abatido, falou com empolgação:

— Problema resolvido, Hortência! Amanhã a babá começa o trabalho! E não se preocupe! Ela foi muito bem indicada por Madalena e Otacílio!

Hortência sorriu mostrando contentamento:

— Que bom Joaquim! Vou providenciar uma cama, é melhor que ela fique no quarto do Pedro.

Joaquim coçou a cabeça, sorriu de canto e disse cautelosamente:

— Ora pois! Veja bem, minha Hortência, a babá tem excelente reputação, mas tem um problema.

Hortência interrogou com receio:

— Que problema?

— Ela é negra! Eu não consegui uma babá de pele branca! Desde que a escravidão acabou, os negros lotaram as filas de emprego! Por conta da grande oferta de mão de obra, o salário dessa classe trabalhista caiu e as mulheres brancas não querem mais trabalhar como babá, domésticas, faxineira... Os negros estão tomando conta desses cargos!

Hortência mostrou um sorriso forçado e respondeu:

— Não tem problema! Eu preciso de alguém para me ajudar e não posso me dar ao luxo de escolher, estou muito cansada. Na falta de uma branca, então que seja uma babá preta.

No dia seguinte, Lindalva, uma negra na casa dos sessenta anos, que passou metade da vida nas senzalas, apresentou-se para o trabalho.

Se esforçando para esconder o preconceito, Hortência a acompanhou até o quarto do filho e apontou explicando:

— Veja com os seus próprios olhos! É assim que esse menino passa o dia e a noite! Aos berros!

Lembrando-se dos negrinhos das senzalas, que choravam pressentindo as dores da existência, Lindalva segurou Pedro contra o peito, embalou com suavidade, cantarolou baixinho uma melodia antiga e sorriu mostrando os olhos cheios de bondade:

— É assim mesmo sinhá, criança pequena chora bastante! Não se preocupe, eu vou cuidar direitinho do sinhozinho!

Incapaz de reconhecer a bondade, que se estampava no olhar humilde, Hortência observou receosamente, hesitou por alguns instantes e finalmente concedeu:

— Está bem, eu vou deixar o meu filho sob os seus cuidados, mas tenha cuidado, eu preciso descansar!

— Pode deixar sinhá! Vou cuidar do sinhozinho com todo o amor.

Daquele momento em diante, se iniciou mais uma fase de sofrimento na vida de Lindalva, que passava noites em claro tentando acalmar o menino

que não dava tréguas e, além de berrar a plenos pulmões, esperneava como se quisesse sair do corpo.

Seis meses após a contratação, quase dez quilos mais magra, abatida e exausta, Lindalva deu-se por vencida e pediu demissão.

Sem a ajuda da babá, novamente Hortência viu-se cercada pelos berros incessantes que só cessavam no aconchego do colo.

Uma semana depois, a nova babá chegou à residência, mas, ao contrário de Lindalva, que suportou seis meses, ela foi embora antes de completar a primeira quinzena.

No decorrer de um ano, Joaquim esgotou a lista de indicações, pois diante da insistente choradeira, em poucos dias, as colaboradoras pediam demissão ou simplesmente fugiam sem dar satisfações.

Depois de procurar até a exaustão, ele conseguiu contratar Rosalina, que para tristeza de Hortência, também era negra.

Movida pelo temperamento extremamente tranquilo e quase preguiçoso, Rosalina pouco se incomodava com os berros de Pedro, que rapidamente aprendeu que os berros não causavam muito efeito na nova babá.

Com pouco mais de um ano, Pedro começou a falar as primeiras palavras e rapidamente impressionou os pais e todos os empregados da mansão, que até então, nunca tinham ouvido um repertório com tantos palavrões .

Em mais um dia comum na vida da família Furtado, Joaquim e Hortência compartilhavam o jantar enquanto Rosalina tentava alimentar Pedro, que empurrava a colher, cuspiu a comida, fazia birra e esperneava aos berros:

— Não quero comer! Calalho!

Hortência deu um salto na cadeira, olhou com espanto para o marido e falou:

— Você ouviu isso? Deus do céu, onde esse menino está aprendendo essas palavras?

Joaquim olhou de canto para Rosalina, se curvou na direção da esposa e sussurrou:

— Devem ser essas negras! Eu não consigo uma babá branca, está muito difícil!

Constrangida com o comentário preconceituoso, Rosalina abaixou a cabeça e falou respeitosamente:

— Sinhozinho, eu nunca ensinei essas coisas pro menino, quando cheguei, ele já falava palavrão.

Joaquim retrucou:

— Então foram às outras negras que vieram antes de você! Nessa casa ninguém usa esse vocabulário impróprio! Esse menino precisa ser corrigido!

Pedro encheu os pulmões de ar, soprou com força toda a comida e gritou:

— Não quero comer essa merda! Calalho!

Hortência levou a mão ao peito mostrando o nervosismo e apelou:

— Por favor, Rosalina, leve esse menino para o quarto!

Prontamente Rosalina atendeu a ordem, seguiu às pressas para o quarto, encostou a porta, o colocou Pedro na cama e pediu carinhosamente:

— Olhe pra mim, você não pode falar essas coisas! É feio!

Pedro rolou pelo colchão e gritou entre gargalhadas:

— Calalho! Merda! Bunda! Chata!

Contendo a risada, Rosalina, cruzou os braços, acenou a cabeça mostrando reprovação e disse com autoridade:

— Não fale isso! Que menino mais feio!

Repetindo os hábitos da vida anterior, ele olhou de maneira provocativa, cruzou os braços imitando Rosalina e retrucou entre risos debochados:

— Você que é feia! Chata, chata, chata!

— Você quer que eu vá embora? Desse jeito ninguém vai gostar de você!

Expressando a humildade, que já existia no coração do guardião Bonifácio, Pedro abaixou a cabeça e murmurou:

— Não, não quero que você vá embora, desculpe.

— Então se comporte e venha aqui, eu vou te colocar no berço!

Pedro esticou os braços, deu um sorriso matreiro, abraçou Rosalina com verdadeiro afeto e falou:

— Rosalina não é chata! É bonita! Muito, muito bonita!

Rosalina retribuiu o abraço, acariciou o rosto redondo com bochechas rosadas, deu um leve toque no nariz delicado e disse:

— Você também é bonito e tem lindos olhos verdes como esmeraldas!

Cinco anos mais tarde, inconformada com o comportamento do filho desbocado e rebelde, que sempre a lançava em situações constrangedoras, Hortência mostrava um profundo esgotamento nervoso causado pelos constantes vexames que manchavam a reputação da família.

No início de 1913, após a partida de Rosalina, que decidiu se casar e foi embora da cidade, Joaquim iniciou uma nova busca e depois de entrevistar várias candidatas negras, muito a contragosto, contratou Angélica, uma mulata de fisionomia doce.

Enquanto Hortência explicava a rotina para a nova babá, Pedro corria de um lado para o outro, derrubava a decoração, se pendurava nas cortinas, arrastava os tapetes, descia pelo corrimão da escada, saltava sobre os sofás e apresentava o vasto repertório de palavras indecentes.

Espantada com a energia do garoto, Angélica perguntou:

— Senhora, quantos anos ele têm?

— Cinco e meio, mas é muito esperto e inteligente, às vezes parece um adulto falando!

— E ele é sempre ativo desse jeito?

Disfarçando a profunda vergonha, Hortência respondeu com aborrecimento:

— Sim! Se prepare, esse menino é um capeta! Eu não sei dizer quantas babás passaram por essa casa! Nós fizemos de tudo, mas ninguém consegue acalmá-lo!

Angélica olhou com receio e murmurou:

— Seja o que Deus quiser!

Olhando fixamente para os olhos grandes e amendoados de Angélica, que deixava transparecer o medo, Pedro mostrou a língua e perguntou:

— Por que você está me olhando? Caralho!

Angélica sorriu constrangidamente e respondeu:

— Estava olhando para seus olhos, você é um garotinho muito lindo, sabia? Venha comigo, por favor, me mostre seu quarto.

Envolvido pelas palavras afetuosas e tranquilas, Pedro subiu a escadaria correndo e acenou com um sorriso:

— Venha! Eu vou te mostrar o meu quarto!

Angélica olhou de canto para Hortência e sugeriu:

— É melhor que ele me mostre, assim eu ganho confiança! Se eu não conquistar o seu menino, logo serei mais uma babá que vai embora.

Hortência suspirou e acenou a cabeça concordando:

— Faça o que quiser! Eu não sei mais como agir! Sinto-me frustrada, esse menino só me faz passar vergonha! Além de falar essas palavras imundas, é rebelde e desobediente! Eu já desisti, nunca pensei que teria um filho desse jeito, ele é um capeta!

Sentado no topo da escada, Pedro ouvia as lamentações de Hortência e aguardava com notável tédio, quando Atanagildo se sentou ao lado e, aproveitando a diferença vibratória, que o mantinha invisível aos encarnados, sorriu divertidamente e alertou:

— Pedrinho, aquela mulher arrogante está chegando! É hora de fazer a sua mãe passar por mais alguns vexames, quem sabe assim ela fique um pouquinho mais humilde e deixe de lado essa mania de grandeza. Comece a correr pela sala e pule bastante no sofá, mas não precisa falar palavrão! Escute bem, não é para falar palavrão! Você precisa superar essa mania!

Ao passo que Pedro captava as sugestões mentais de Atanagildo e sorria como quem está pronto para a próxima zombaria, a empregada aproximou-se informando:

— Senhora Hortência, a sua visita chegou. Posso mandar entrar?

— Sim Lúcia, mande a Madalena entrar. Angélica, por favor, cuide do Pedrinho.

Quando Angélica colocou o pé na escada, Pedro desceu às pressas, desviou rapidamente, saltou sobre o sofá e começou a pular enlouquecidamente.

Temendo passar por mais um vexame, Hortência sentiu o coração saltar e apelou:

— Por favor, Angélica, leve esse menino para o quarto e, se for preciso, tranque a porta!

Quando Angélica correu na direção do sofá, Pedro foi mais ligeiro, se desviou com agilidade, correu para o outro canto sala e gritou:

— Você não me pega! Não me pega! Nã-nã-não! Bobona! Bobona!

Hortência olhou pela janela e ao notar que a amiga se aproximava da entrada, pediu desesperadamente::

— Angélica, vá pela direita que eu fico aqui! Precisamos cercá-lo! Se prepare, ele é ligeiro!

Enquanto Angélica e Hortência corriam inutilmente de um lado para o outro, Pedro se divertia com o pega-pega e Atanagildo se contorcia entre gargalhadas.

Notando que Madalena entrava na sala, para o desespero de Hortência, Pedro abaixou as calças mostrando as nádegas branquinhas e gritou:

— Vocês não me pegam! Não me pegam! Suas chatas! Bruacas! Bruxas!

Diante da cena, Madalena tapou a boca para esconder o espanto e perguntou entre risos:

— Boa tarde Hortência, está tudo bem?

Para piorar a situação, Pedrinho levantou as calças, se desviou de Angélica, passou por baixo das pernas de Hortência, contornou o sofá, parou na frente de Madalena e gritou:

— A minha mãe disse que você é uma chata, fofoqueira e cafona!

Prestes a ter um ataque de nervos, Hortência correu para a porta, agarrou as orelhas filho e disse constrangidamente:

— Não de ouvidos! Esse menino é um capeta!

Contorcendo-se de dor, Pedro berrou:

— Me solte! Caralho! Isso tá doendo! Porra!

Rapidamente Atanagildo se aproximou aplicando passes para acalmar Hortência e reclamou:

— Fique quieto Pedrinho! Seu exagerado! Não era para abaixar as calças e mostrar a bunda! Isso foi ideia sua! Você é foda! Fique quieto e vá pro quarto antes que leve outro cacete! Caralho!

Cada vez mais constrangida, Hortência sorriu nervosamente, agarrou o filho pelo pulso, entregou para Angélica e pediu em tom suplicante:

— Fique com ele no quarto!

— Sim senhora, eu farei o possível!

Enquanto Angélica arrastava Pedro escada acima e pensava em fugir já no primeiro dia de trabalho, Hortência alisou o vestido e os cabelos, suspirou profundamente e falou com um sorriso nervoso:

— Vamos para o jardim de inverno. Desculpe-me, Madalena, eu não sei o que fazer com esse menino! Ele está cada dia pior!

— Não se preocupe tanto, Hortência, é apenas um menino levado!

Sentindo que Madalena era sincera, Hortência desabafou:

— Ele grita, quebra a casa, maltrata os empregados, fala palavras horríveis e não obedece! Eu nunca pensei que teria um filho tão rebelde! Não sei onde errei!

Comovida com a confissão, Madalena balançou a cabeça mostrando solidariedade e quando desviou o olhar para a sala de jantar e viu o montinho marrom ao lado da mesa, apontou interrogando:

— O que é aquilo na sala de jantar?

Hortência estalou os olhos, novamente sentiu a taquicardia, abaixou a cabeça tentando esconder o rubor e respondeu com profunda vergonha:

— Foi o Pedrinho! É inacreditável, mas ele abaixa as calças e evacua no meio da sala! É uma mania horrível que ele aprendeu quando começou a dar os primeiros passos. Ainda pequenininho, ele arrancava as fraldas para defecar no chão!

Aturdida com a situação, Madalena perguntou:

— Você já levou o Pedrinho ao médico? Quem sabe um psiquiatra!

— Eu já pensei na possibilidade de levá-lo a um psiquiatra, mas ano que vem ele começa os estudos e tenho esperança de que a escola ajude. Ele vai interagir com outras crianças e quem sabe se acalme. O Joaquim sugeriu um colégio interno, mas não quero chegar a esse ponto!

Enquanto Hortência se controlava para não cair em prantos e Madalena mostrava solidariedade, completamente despido, Pedro desceu a escadaria correndo, atravessou a sala de estar saltando sobre os sofás, em seguida parou na porta do jardim de inverno balançando o bumbum redondinho e rapidamente saltou para a sala de jantar, onde se agachou contorcendo o rosto, gemeu alto e deixou mais um montinho marrom.

Pálida, trêmula e ofegante, Hortência se atirou na direção do menino e gritou:

— Pare com isso! Angélica! Angélica! Corra aqui e pegue esse menino!

Angélica se aproximou às pressas e justificou:

— Desculpe senhora! Eu estava preparando o banho quando ele escapou e saiu correndo pelado! Foi muito rápido!

Enquanto Angélica corria ao redor da grande mesa tentando agarrar o garotinho levado, Hortência colocou as mãos sobre o rosto, balançou a cabeça com vigor e pediu:

— Leve-o para o banho! Que vergonha! Que vergonha!

Antes de ser capturado, Pedro apontou para o montinho marrom, parou de frente para Madalena, colocou as mãos na cintura, rebolou balançando o quadril e gritou:

— Olha meu pinto, olha meu pinto!

Gargalhando de uma maneira desafiadora e impetuosa, Pedro correu para o quarto, deixando para trás uma mãe desolada, uma babá apavorada e uma visita chocada.

Atanagildo, que acompanhava a situação, se sentou em uma poltrona plasmada no quarto de Pedro e disse entre gargalhadas:

— Poxa vida, Pedrinho! Agora você pegou pesado! Até eu fiquei constrangido! Não precisava balançar a bunda e o pinto pra mulher! Temos que ajudar a sua mãe, mas não exagere. Qualquer hora dessas, ela morre de vergonha!

Guiada pelo bom coração, Angélica venceu o temor causado no primeiro dia de trabalho e logo percebeu que atrás da personalidade inquieta e rebelde, existia um garotinho cheio de bondade e amor, que além da inteligência aguçada tinha uma nobreza pouco comum.

Capítulo 2

Sem Limites

Quando Pedro iniciou os estudos os problemas da família se multiplicaram. Contrariando todas as expectativas de Hortência, quase todos os dias, ele voltava para casa com as mãos marcadas pela palmatória e os cadernos rabiscados por avisos garrafais da professora, que em todas as reuniões reclamava do aluno endiabrado, indomável e mal educado.

No final de 1918, cansada do aluno sem limites, a diretora Dorotéia chamou Hortência para uma conversa franca e definitiva.

Sentada na frente da mulher altiva com semblante carrancudo, Hortência secou as mãos suadas no lenço de linho branco e falou com voz trêmula:

— Senhora Dorotéia, eu sei que o meu filho causa muitos problemas, mas não sabemos como proceder! Nós já fizemos tudo!

A diretora ajeitou os óculos de lentes grossas e esverdeadas, suspirou mostrando aborrecimento, cruzou as mãos sobre a escrivaninha e exclamou:

— O Pedro, além de detestável, é um péssimo exemplo para as outras crianças! Ele é uma vergonha para a nossa escola! Semana passada, eu recebi três reclamações de pais inconformados! O seu filho puxa as calças dos coleguinhas, levanta a saia das meninas, passa cola na cadeira da professora, cospe na lousa e se recusa a fazer as lições! Os cadernos e os

livros são sujos, rabiscados e parecem lixo! Ele não presta atenção nas aulas, grita e corre pela sala de aula, cutuca os colegas, não respeita a professora...

Ofendida com o repertório interminável e agressivo, Hortência retrucou:

— Mas ele tira notas muito boas! Se não me engano, são as mais altas que esse colégio já viu, por favor, me corrija se eu estiver errada.

Dorotéia se remexeu tentando esconder o desconforto e respondeu:

— Isso é verdade! Eu não sei como é possível, mas ele sempre é o primeiro a entregar as provas e tira as melhores notas! O Pedro é muito inteligente, mas não podemos permitir que influencie negativamente as outras crianças, se ele não mudar, seremos obrigados a expulsá-lo.

Dorotéia fez uma breve pausa para escolher as melhores palavras e continuou:

— A nossa escola sempre zelou pela boa reputação, eu não posso aceitar um aluno que contradiga a nossa tradição! Vocês precisam corrigir esse menino, nunca vi uma criança falar tantos palavrões! Certamente ele aprende essas palavras obscenas em casa!

— Eu entendo a sua indignação, mas posso garantir que não usamos esse tipo de vocabulário em nossa casa! Eu me pergunto com quem o Pedrinho aprendeu essas palavras, às vezes me parece que nasceu com um dicionário dentro da cabeça.

Dorotéia meneou a cabeça concordando:

— A senhora já procurou um psiquiatra? O Pedro deve ter algum problema que precisa ser tratado. Eu sei que não é fácil encontrar bons profissionais de psicologia, pois essa área ainda é pouco conhecida e mal compreendida em nossa sociedade, mas aconselho que procure ajuda. Se a senhora não consegue educar o seu próprio filho, alguém precisa ajudá-la!

Ligeiramente comovida com o constrangimento de Hortência, Dorotéia se calou por alguns segundos e continuou:

— Nós estamos aqui para educar e corrigir as crianças, mas não podemos usar a palmatória todos os dias! Eu perdi a conta de quantas vezes castiguei o Pedro. Semana passada ele me desafiou mostrando a língua, disse que está acostumado e nem sente dor! Veja que absurdo!

Hortência secou novamente as mãos geladas e úmidas e murmurou:

— Eu vou procurar a ajuda de um profissional. Peço que tenham um pouco de compreensão, nós estamos fazendo tudo que podemos!

— Eu percebo que a senhora não quer admitir, mas temos que ser francas, os modos do Pedro são reflexos dos pais! Certamente alguém em sua casa dá esses exemplos! Os palavões que esse menino fala, são espantosos!

— Eu juro senhora Dorotéia! Nunca ensinamos essas coisas para o Pedrinho, parece que ele nasceu sabendo!

Dorotéia se levantou com o peito estufado:

— Me acompanhe, eu quero que veja uma coisa no banheiro! Vou mostrar as obras de arte do seu filho.

Com o corpo trêmulo e as pernas bambas, Hortência acompanhou a diretora e ao entrar no banheiro perguntou:

—Qual é o problema? Não vejo nada de errado.

— Olhe para o teto! Parece uma caverna cheia de estalactites! O Pedro faz bolas de papel higiênico molhado e lança para o alto! Essas coisas ficam grudadas, eu terei que pagar horas extras para o zelador limpar e fazer uma nova pintura!

Hortência estendeu a mão sobre a boca e exclamou:

— Meu Deus! Eu sinto muito, por favor, mande os custos para a minha casa, eu faço questão de pagar o conserto.

— E tem mais! Na sala de aula as estalactites são menores, mas se espalham pelas paredes, tetos, lousa e até pelas carteiras! O Pedro faz bolinhas de papel com saliva e usa uma caneta para assoprar a nojeira sobre os colegas e a professora.

Hortência suspirou para conter o choro e murmurou:

— Eu pago a reforma da sala de aula também! Não sei o que falar! Sinto muito!

Diante das repreensões, que causavam profundo incômodo, Hortência aprendia a necessidade de se resignar e ter humildade para resolver as questões embaraçosas, mas extremamente necessárias à evolução espiritual.

Após mostrar o teto cheio de papel, as paredes rabiscadas, os armários riscados e os desenhos impróprios nas mesas da biblioteca, Dorotéia retornou para o escritório, entregou um cartão e aconselhou:

— Procure essa psicóloga, entre os poucos profissionais da área, ela é a melhor que conheço. Se a terapia não ajudar, seremos obrigados a expulsar o seu filho.

Sem coragem de encarar a diretora, Hortência abaixou a cabeça, guardou o cartão na bolsa, agradeceu educadamente e saiu.

Uma semana depois, Pedro olhava com curiosidade para as telas abstratas do consultório psicológico, ria de maneira debochada e andava de um lado para o outro em busca de algo interessante para matar o tempo enquanto aguardava a sessão.

Quando Hortência se levantou para preencher o formulário, Pedro correu para fora, deu algumas voltas pelo jardim, e quando avistou o gato cochilando preguiçosamente embaixo do banco, se aproximou cuidadosamente, agarrou o bichano pelo rabo e começou a girar em alta velocidade.

Girando no ar, o gato se debateu tentando escapar, mas diante do oponente ágil e destemido, fez a única coisa possível e se entregou aos miados altos e desesperados.

Ao passo que Pedro se divertia, Hortência assinou o formulário, correu para o jardim e ao avistar o bichano girando no ar, gritou com nervosismo:

— Pedrinho! Pare com isso! Solte esse gato!

Entre risos endiabrados, Pedro observou o gato desaparecer rapidamente entre os arbustos e falou:

— Eu só estava só brincando!

— Como assim? Eu vi você maltratando o pobre gatinho! Por que você fez isso, Pedrinho?

— Para ver se é verdade que o gato sempre cai em pé! Agora eu sei que é verdade! Arremessei pro alto várias vezes, e ele caiu de pé todas as vezes!

— Deus do céu, Pedrinho, tadinho do gato. Vamos entrar, a doutora Débora está esperando!

Parada na recepção, quando Hortência e Pedro entraram, Débora olhou com simpatia para o menino de semblante angelical e pediu:

— A senhora pode aguardar na recepção, a consulta é privada. Venha Pedro, me acompanhe.

Hortência questionou:

— Eu não posso entrar junto? Preciso falar sobre o problema do meu filho!

— Não se preocupe, eu já li o formulário que a senhora preencheu. Nele tem todas as informações que eu preciso, agora é comigo e com o Pedro.

Sem mais palavras, Débora fechou a porta, apontou um divã e perguntou:

— Você quer deitar naquele sofá? A titia vai ficar do seu lado!

Pedro olhou de canto, arqueou a sobrancelha, cruzou os braços e perguntou:

— A senhora é irmã da minha mãe ou do meu pai?

— Não, Pedro, mas posso ser como uma tia, você quer?

Pedro saltou no divã, se deitou cruzando os braços e respondeu com indiferença:

— Eu não quero uma tia! Você nem é minha parente! Caralho! Está achando que sou otário?

Fingindo não ouvir as palavras agressivas, Débora sentou-se na poltrona um pouco atrás de Pedro e perguntou:

— Você está com raiva? Pode contar tudo para titia!

Pedro se sentou subitamente e esbravejou:

— Caralho! Mas que porra é essa? Vou ter que aguentar essa merda toda a semana? Já falei que você não é minha tia! Não estou com raiva, mas se continuar com isso, vou virar no diabo!

Débora se remexeu tentando esconder o desconforto e questionou:

— Pedro, quem fala esse tipo de palavra? É o seu pai ou a sua mãe?

— Que tipo de palavra? Caralho? Porra? Ou merda? Qual delas?

— Qualquer uma delas. Quem te ensinou? Pode confessar! Tudo que você falar aqui é segredo! É o seu pai quem te ensinou? A sua mãe? Algum empregado? Conte para a titia.

— Não! Porra! Meus pais não falam palavrão! Eu nasci sabendo! E já falei que você não é minha tia!

— Desculpe, eu não usarei mais esse termo, como você prefere que eu fale?

— Fale como quiser, caralho! Só não se faça de minha tia! Não gosto de falsidade, ainda sou criança, mas não sou burro e sei muito bem que você não passa de uma profissional querendo ganhar a vida!

Aturdida com a resposta, Débora se concentrou em busca de calma, segurou carinhosamente a mão de Pedro e perguntou:

— O que são essas manchas roxas no seu braço? Alguém te bateu?

Divertindo-se com a situação, Pedro arqueou os cantos da boca fingindo tristeza e murmurou com tristeza:

— É da palmatória!

— Foi a sua mãe quem te bateu?

Contendo o riso diabólico, Pedro abaixou a cabeça e mentiu:

— Sim, a mamãe me bate todo dia! Ela não me ama!

Enredada pela encenação digna de um Oscar, Débora falou com pesar:

— A sua mãe te ama muito. Ela quer te educar, mas não sabe como fazer.

— Não! Não é verdade, ela me odeia!

Ainda segurando as mãos de Pedro, Débora refletiu por alguns segundos e perguntou:

— O que você sente pela sua mãe?

Pedro puxou a mão com força e exclamou:

— Mas que pergunta idiota! Eu amo muito a minha mãe, toda criança tem amor pelos pais! É desse jeito que pretende ganhar a confiança dos seus pacientes? Assim não dá, a senhora tem que estudar mais! Caralho! A conclusão é simples! Eu sou uma criança com dez anos que gosta de brincar, de fazer estripulias e de falar o que vem à cabeça! Os adultos não entendem, eles estão tão ocupados em busca de dinheiro, reputação e poder, que se esqueceram de como é ser criança!

Impressionada com a eloquência de Pedro, Débora fez algumas anotações, decidiu mudar a abordagem e perguntou:

— Com o que você gosta de brincar? Eu tenho alguns brinquedos, que tal se sentar no tapete e brincar com bonequinhos?

Pedro contraiu a testa, enrugou o nariz e perguntou com notável aborrecimento:

— Você está louca mulher? Eu gosto de estourar bombinha, correr atrás dos bichos, chutar bola, quebrar janela, pular no sofá e subir na árvore! Não gosto de bonequinhos!

Cada vez mais intimidada, Débora pensou por alguns instantes e perguntou:

— É verdade que você colocou um cigarro no bico de um pombo? A sua mãe relatou esse fato no formulário! Por que você fez isso, Pedro? Por acaso sentiu raiva do pássaro?

Pedro deslizou as mãos sobre o rosto, bufou para deixar bem explícita a irritação e explicou:

— Eu não tenho raiva do pássaro! Não tenho raiva de nada e de ninguém! Eu só queria ver se ele conseguia fumar!

— E você fuma? Você já fumou alguma vez?

— É óbvio que não! Já falei que sou criança! Você não consegue enxergar? Caralho! Que tipo de psicóloga é você? Por acaso acredita que pode seguir

o mesmo protocolo com todas as pessoas? Isso não funciona, viu! Cada um tem uma maneira de ser, não é igual receita de bolo!

Débora engoliu o nó na garganta, sorriu constrangidamente e pediu:

— Me conte o que acontece na sua casa. Alguma vez a sua mãe já passou a mão no seu corpo? Ou ficou sem roupas na sua frente?

— Que pergunta idiota é essa? Você está achando que a minha mãe é uma safada?

— Não! Não entenda mal! Eu só quero entender o que você sente!

Pedrinho sorriu de canto, olhou demoradamente e perguntou:

— Você quer saber o que eu sinto?

— Sim! Muito! Eu estou aqui para te ajudar!

— Eu sinto tédio! A vida me parece enfadonha, me sinto preso e sufocado em um corpo de criança! Essa conversa é muito chata! Você é chata! Tudo aqui é chato! Eu quero ir embora!

Profundamente confusa e sem conhecimento para compreender que as ações de Pedro eram manifestação de um espírito encarnado com dificuldade de se adaptar a matéria, Débora olhou para o relógio, sorriu constrangidamente e falou:

— A nossa sessão acabou, eu vou conversar com sua mãe.

Certa de que não conseguiria resolver a questão, Débora deixou Pedro na sala ao lado sob os cuidados da recepcionista, chamou Hortência para uma conversa privada e explicou com preocupação:

— Eu sinto muito, mas não posso ajudar no caso do seu filho. O Pedro é hiperativo, tem resposta para tudo e é muito agressivo.

— Mas eu pensei que a terapia poderia ajudar! O que vou fazer? Como posso ajudar o meu filho?

Ansiosa para se livrar do paciente problemático e incômodo, Débora entregou um cartão e sugeriu:

— Judô! Isso sempre ajuda as crianças hiperativas! É uma arte marcial espetacular! Matricule seu menino, tenho certeza de que ajudará muito!

— Aulas de judô? Mas e a terapia?

— O Pedro não tem perfil para terapias, ele precisa de um esporte onde possa se despojar da raiva!

Certa de que a maturidade precoce de Pedro era fruto de maus tratos e negligência, Débora fez uma pausa, olhou com piedade e continuou:

— A senhora precisa ser mais carinhosa com o seu filho! Por acaso já o pegou no colo? Ele precisa ser abraçado, beijado e acolhido.

Hortência secou a lágrima que desceu pelo canto do rosto e desabafou:

— Quando ele era bebezinho, eu sempre o pegava no colo, mas hoje em dia mal consigo me aproximar, ele parece um gato arisco e não para quieto! Como vou abraçá-lo se ele foge?

Totalmente alheia à realidade espiritual do pequeno paciente, que arrastava os traços mais marcantes da vida passada, a psicóloga transferiu a culpa para Hortência e sugeriu:

— A senhora precisa ser mais carinhosa! Parece-me óbvio que o Pedro sofre com a carência afetiva e falta da figura materna. Violências domésticas provocam sérios traumas.

— Mas nós não somos violentos! Eu nunca bati no Pedro! Confesso que já dei alguns puxões de orelha e o deixei de castigo no quarto, mas nunca passou disso!

Débora olhou com desconfiança e falou pausadamente:

— Ele me contou que é constantemente espancado!

— O quê? Ele falou isso? É mentira! O Pedrinho adora uma anedota! Ele vive inventando coisas absurdas para se divertir!

Débora chamou a recepcionista, que logo em seguida apareceu segurando Pedro pela mão, e pediu:

— Pedro, venha aqui, se quiser pode se sentar no divã.

Quando Pedro se sentou, Hortência olhou com irritação e interrogou:

— Você mentiu para a doutora? Você disse que eu te bato?

Pedro balançou a cabeça com vigor, mordeu os lábios para conter a risada e novamente mentiu:

— Eu falei a verdade! A senhora me espanca! Eu apanho todo dia!

Hortência arregalou os olhos, estendeu a mão sobre o peito e apelou:

— Isso é mentira! Meu filho, eu jamais te espancaria! Quando você me tira do sério, eu puxo as suas orelhas, mas nunca te bati! Na escola você apanha com a palmatória porque é levado e provoca as professoras.

Hortência olhou para a psicóloga e clamou:

— Por favor, doutora, acredite em mim! Nós nunca espancamos o nosso filho, ele é danado e está mentindo para senhora!

Certa de que estava diante de um caso de agressão doméstica, Débora abaixou a cabeça e disse:

— As crianças são muito sinceras! Educação é algo que vem de berço, quando os pais são desequilibrados, os filhos seguem o mesmo caminho.

— Nós não somos desequilibrados! A senhora tem que acreditar em mim! Eu sempre fui uma pessoa tranquila e o meu marido é um homem pacífico! Eu não sei por que o Pedro está mentindo!

— Eu compreendo, é comum que os pais neguem os próprios erros. Se a senhora quiser, eu posso indicar uma psicanalista que pode ajudá-la a superar os traumas de infância. Vencendo as suas limitações, a senhora poderá ser mais afetuosa e dar uma educação melhor para o Pedro. Não se culpe, os desvios comportamentais são naturais.

— Eu não vim atrás de terapia para mim! Não tenho desvios comportamentais! Já falei que sempre fui uma pessoa tranquila e carinhosa, mas o Pedro não quer saber de afeto, ele só pensa em atormentar!

— Eu entendo a sua revolta, mas pense na minha sugestão. Coloque o Pedro no judô e procure uma psicanalista para ajudá-la a superar os traumas que a impedem de ser uma boa mãe.

Notando que a psicóloga estava convencida de que Pedro era uma vítima, Hortência o puxou pela mão, saiu batendo os pés e resmungou:

— Obrigada, doutora!

Ao entrar no carro, Hortência afivelou o cinto, segurou o volante e se controlou para não cair em prantos.

Olhando fixamente para o rosto decepcionado, Pedro percebeu que havia passado dos limites, se calou por alguns instantes, mas logo foi invadido pela curiosidade e perguntou:

— A senhora vai me colocar no judô?

— Sim, Pedrinho, amanhã mesmo eu vou achar um bom lugar para você começar as aulas.

— Posso fazer boxe?

— Não, meu filho! Você não pode fazer boxe! A doutora recomendou o judô!

— Depois que eu ganhar todas as faixas do judô, então posso fazer boxe?

— Deus do céu, Pedrinho! Por que tanta insistência? Por que você quer fazer boxe?

Ele deu alguns socos no ar e respondeu entre risos:

— Pra dar soco nos outros!

Hortência suspirou mostrando desapontamento, engoliu o choro e aconselhou com profundo carinho:

— Meu amor, você não pode ferir as pessoas e nem os animais. Tire isso da cabeça, eu e o seu pai somos pessoas pacíficas, por que você faz essas coisas tão feias? Por que você mentiu para a doutora?

Atanagildo, que desde a chegada ao consultório acompanhava em silêncio os acontecimentos, se aproximou de Pedro e pediu:

— Peça desculpas para a sua mãe. Dessa vez você passou dos limites! Eu não sei o que você está querendo, mas não estou gostando do rumo que as coisas estão tomando! Pedro, existe um limite para tudo, você não pode fazer brincadeiras que prejudiquem as pessoas ou machuquem outros seres vivos! Eu sei que você está em um corpo afetado pela infantilidade, mas o homem honrado que eu conheci continua aí dentro em algum lugar e jamais faria algo para causar sofrimento ao próximo.

Envolvido pela tristeza de Hortência e pelas palavras do guardião, Pedro sentiu o coração apertar dentro do peito e respondeu com aborrecimento:

— Eu só queria brincar, não fiz por maldade, me desculpe.

— Está bem, coloque o cinto e vamos embora, estou cansada e com dor de cabeça.

Ao chegar a casa, Hortência se jogou no sofá, fechou os olhos tentando relaxar e quando começou a sentir o alívio da enxaqueca, a empregada avisou:

— Senhora Hortência, a sua amiga chegou, posso deixar entrar?

Hortência saltou do sofá, alisou a saia e respondeu com aflição:

— Eu esqueci completamente da Renata! Onde está o Pedrinho?

— Ele está no quarto, senhora.

— Mande a Renata entrar e em seguida peça para a Angélica manter o Pedrinho no quarto!

Pouco tempo depois, enquanto Hortência e Renata compartilhavam o chá no jardim de inverno, Pedro desceu a escadaria correndo e entrou na biblioteca.

Temendo as estripulias do filho, Hortência olhou com receio, sorriu tentando esconder o nervosismo e comentou:

— O Pedrinho está sempre correndo! Continue Renata, o que você estava falando?

Encolhido atrás da porta, Pedro ouvia atentamente a conversa das mulheres, quando Atanagildo se aproximou sugerindo:

— Dê uma lição nessa mulher! Ela é uma fofoqueira e mentirosa que gosta de intrigas e tem inveja da sua mãe. A Hortência precisa ficar longe de pessoas desse tipo. Quando a Renata sair, diga que viu o marido dela beijando uma moça, isso a ensinará a cuidar mais da própria vida! Nós estamos aqui para ajudar essas pessoas a terem mais consciência, mas não passe dos limites!

Na sala, ao passo que Hortência lutava para conter o tremor, Renata insinuava:

— Eu não gosto de fazer esse tipo de intrigas, mas você é minha amiga e não posso esconder esse segredo!

Pálida e suando frio, Hortência interrogou:

— Você tem certeza que era o Joaquim? Ele nunca foi dessas coisas! Desde que o conheço, ele sempre se mostrou um homem exemplar e caseiro!

Assim como todos os fofoqueiros, que tem o hábito de distorcer os fatos para fazer intrigas, Renata acenou a cabeça concordando e afirmou:

— Era o Joaquim! Eu não tenho certeza absoluta porque sábado estava chovendo e já era noite, mas o carro era igual! Eu vi quando ele saiu do restaurante abraçando uma loira.

Hortência pensou e após alguns segundos perguntou:

— Sábado? Você disse sábado? Mas nesse dia o Joaquim não saiu de casa e ficou conosco da manhã até a noite.

— Não sei Hortência, só estou contando o que vi! Tem certeza que ele não deu uma saidinha? Talvez você esteja confundindo os dias!

Após destilar o veneno, notando que Hortência parecia extremamente nervosa, Renata deu-se por satisfeita e falou com falsidade:

— Preciso ir amiga! Eu volto outro dia com mais tempo! Só passei para te dar um abraço! Estava morrendo de saudades!

Quando Renata se levantou, Pedro entrou correndo na sala, a puxou carinhosamente pela mão e pediu:

— Posso te levar até a porta?

Diante do sorriso inocente e do olhar cativante, Renata acenou a cabeça concordando e exclamou:

— Que bonitinho! É claro que pode!

Notando que a empregada recolhia os pratos, Hortência pediu:

— Renata, espere um minutinho, eu já a acompanho até a saída, só preciso dar algumas instruções para os empregados.

Aproveitando a oportunidade, Pedro acompanhou Renata até a porta, a abraçou afetuosamente e sussurrou de maneira despretensiosa:

— Semana passada o seu marido passou na frente do meu colégio! Ele entrou no hotel com a sua filha.

Renata falou entre risos:

— Que filha? Nós não temos filhas, apenas um garotinho da sua idade.

Notando que Hortência estava distraída com a empregada, Pedro respondeu discretamente:

— Não sei, era uma moça morena, alta e muito bonita! Eu não sabia que os pais beijavam os filhos na boca, a minha mãe nunca fez isso comigo.

Aturdida com as palavras, Renata sentiu o rosto ruborizar, atravessou a porta às pressas, entrou no carro e voltou para casa sentindo o efeito do próprio veneno.

Estranhando a saída súbita da amiga, Hortência perguntou com desconfiança:

— Pedro, o que foi que você aprontou?

— Nada! Eu juro!

Quando Hortência deu de ombros e seguiu para a sala, Pedro a abraçou carinhosamente e disse:

— A dona Renata pediu para avisar que se enganou, o homem que ela viu não era o papai. Ele estava em casa sábado passado, lembra mamãe?

Hortência suspirou mostrando alívio e respondeu:

— Eu sabia que ela estava enganada, mas é um alívio ouvir essas palavras. A Renata é louca e vive fazendo confusões!

Agora peça para a Angélica te ajudar com o banho, amanhã vamos procurar uma escola de artes marciais para você.

Pedrinho subiu a escadaria com a mente cheia de ideias empolgantes para a nova atividade.

Movido pela inquietação, em poucos meses, ele conquistou todas as faixas possíveis para a idade, em seguida foi para o karatê, onde rapidamente impressionou pelo alto desempenho e, por fim, conseguiu permissão para fazer boxe, um esporte que o ajudou a extravasar boa parte da agitação íntima que sempre o impulsionava a buscar novas aventuras e muitas vezes se arriscar desnecessariamente.

Capítulo 3

Fora de Controle

Para a preocupação de Atanagildo, quando Pedro chegou à adolescência, a personalidade brincalhona, debochada e atrevida continuava exatamente a mesma e não dava sinais de melhora.

Na escola, ele era o adolescente mais problemático para os professores e popular entre os colegas, que seguiam o exemplo da figura audaciosa e rebelde.

Mostrando uma confiança exagerada, Pedro passava dos limites com brincadeiras de mau gosto, fazia piadas depreciativas, dava apelidos impróprios para os professores e, para o desespero de Dorotéia, começou a contrabandear bebida alcoólica, cigarros e bombas caseiras que frequentemente explodiam os sanitários do banheiro masculino.

Exausta das constantes queixas da diretora, que entre ameaças sempre conseguia polpudas doações para o colégio, Hortência delegou a tarefa para Angélica, que semestralmente enfrentava as reuniões escolares cheias de reclamações que beiravam a extorsão.

No início de 1926, Pedro completou o ginásio e se afastou definitivamente dos estudos.

Para impedir que o filho seguisse por caminhos obscuros, Joaquim optou por uma medida drástica e rapidamente o encaminhou para um trabalho de período integral.

Certo de que em um ofício modesto, Pedro poderia aprender boas lições e ambicionar postos de trabalho mais altos, Joaquim o colocou no cargo de empacotador em um dos mercados da família.

A medida preventiva manteve Pedro ocupado boa parte do tempo, mas não impediu que as imprudências continuassem.

Abusando da fortuna dos pais, durante o dia ele acatava as ordens de Joaquim e trabalhava honestamente, mas a noite dava asas às delinquências juvenis que quase levavam Atanagildo à loucura.

Envolvido com amigos de má índole, pouco a pouco, Pedro começou a se desviar dos caminhos propostos antes da reencarnação.

O respeitado guardião Bonifácio, que no plano astral era admirado pelo caráter reto e obediência à Ordem Divina, ao ser completamente envolvido pelas ilusões da matéria, abriu brechas para os traços negativos que rapidamente ganharam força.

Diante dos desafios, Atanagildo se mantinha firme e fiel ao lado de Pedro, mas todas as tentativas de guiá-lo por bons caminhos se perdiam e tornavam a tarefa quase impossível.

Após o desencarne de Joaquim, Pedro parou de trabalhar, se entregou completamente aos prazeres mundanos e se tornou surdo aos apelos de Atanagildo, que frequentemente provava o sabor amargo da missão.

Aos trinta anos, Pedro era um verdadeiro retrato do filho mimado e sem escrúpulos que, além de viver à custa da mãe, fugia de compromissos sérios, abusava da bebida, passava dias e noites seguidas na esbórnia e, para piorar, venerava as corridas clandestinas que colocavam a existência em risco.

Cada vez mais distante dos compromissos assumidos no plano espiritual, Pedro seguia de encontro aos corretivos dolorosos que sempre se apresentam para guiar o espírito até o caminho de aprendizado e crescimento.

Durante uma manhã de domingo, quando Hortência se sentou para o desjejum, o mordomo se aproximou falando com ansiedade:

— Senhora, é um telefonema do hospital municipal.

Hortência saltou da cadeira, correu até o aparelho e perguntou:

— Quem está falando?

Do outro lado a recepcionista perguntou:

— A senhora conhece o Pedro Lucas Furtado?

— Sim! É o meu filho! O que aconteceu?

— O seu filho sofreu um acidente e está hospitalizado, mas não se assuste, ele não corre risco de vida. Se desejar pode vê-lo.

Desesperada com a tragédia, de certa forma prevista por toda a família, Hortência soltou o telefone, correu para o hospital e meia hora depois entrou no quarto, onde Pedro dormia profundamente.

Olhando com piedade para o filho com o pescoço imobilizado, rosto inchado, pernas e braços engessados, Hortência deu um leve suspiro quando o médico entrou falando de maneira confiante:

— Não se preocupe! A parte mais difícil passou! Ele vai sobreviver!

— Doutor, o senhor sabe o que aconteceu?

— Não temos certeza, apenas seu filho poderá contar quando acordar, mas suspeitamos que o Pedro se envolveu em um acidente durante um racha. Ele

teve sorte, pois poderia ter morrido, os socorristas informaram que o automóvel ficou completamente destruído!

Hortência secou as lágrimas e lamentou:

— Tanto que eu avisei! Mas o meu filho não ouviu! Pouco antes de morrer, o meu marido deu aquele carro para o Pedro e implorou para que ele se cuidasse, mas parece que não adiantou muito.

O médico apontou para as pernas engessadas e informou com preocupação:

— Infelizmente ainda existe o risco de uma paralisia, a senhora precisa se preparar, é possível que o Pedro nunca volte a andar!

— Paralítico? Ele corre o risco de ficar em uma cadeira de rodas?

— Sim, ainda não posso afirmar nada, mas existe o risco. Se a senhora tem condições financeiras, é melhor transferir o seu filho para um hospital mais equipado, ele ficará muito tempo em recuperação.

Quando o médico saiu, Hortência acariciou os cabelos de Pedro e murmurou:

— Olha o que você fez! Seu irresponsável!

Pedro abriu os olhos, deu um leve sorriso e resmungou:

— Eu vou sair daqui! Vou me levantar e voltar para casa caminhando!
Caralho!

— Nem assim você para de falar esses palavrões? Eu acho que vou morrer sem descobrir quem te ensinou essas merdas!

Hortência tapou a boca com espanto e reclamou:

— Meu Deus! Estou começando a falar essas palavras horríveis!

Pedro deu outro sorriso e balbuciou:

— Ninguém me ensinou! Eu já nasci assim! Porra!

— Se você pensa que vou te dar outro carro, esqueça! Ouviu? Vou vender todos os carros que estão na garagem! Acabou Pedrinho!

— A senhora tem o melhor coração que eu já vi e não vai fazer isso comigo.

No dia seguinte, Pedro foi transferido para o melhor hospital da cidade e durante os seis meses de recuperação, mudou completamente a rotina dos enfermeiros.

Mantendo o bom humor, ele enfrentou dolorosas sessões de fisioterapia, deu apelidos divertidos para toda a equipe, conquistou alguns corações carentes, fez promessas imprudentes e, seis meses depois, quando voltou a caminhar, recebeu alta e foi embora sem se importar com as expectativas geradas pelas falsas juras de amor.

Durante um curto período, Pedro se afastou das esbórnias e se tornou mais tranquilo, mas logo foi tomado pela costumeira inquietação e as brincadeiras inconsequentes retornaram com força total.

Em meados de 1943, Hortência dormia profundamente quando o telefone cortou o silêncio da madrugada.

Pressentindo que se tratava de mais um problema com o filho, ela removeu o tapa olho e atendeu com voz arrastada:

— Alô!

— Boa noite! A senhora é a mãe do Pedro Lucas Furtado?

— Sim! O que aconteceu dessa vez?

— O seu filho está preso e tem direito a uma ligação, vou passar para ele.

Hortência se sentou respirando com desânimo e quando ouviu a voz de Pedro, perguntou com irritação:

— O que você aprontou agora?

— Mãe! Eu preciso de um advogado! Eu juro que não aprontei nada! Era apenas uma brincadeira!

Hortência interrogou com voz alterada:

— Pedro, o que você fez? Fale de uma vez!

— Eu e alguns amigos decidimos entrar em uma fábrica, o alarme disparou e a polícia chegou muito rápido!

Exausta das constantes imprudências, Hortência falou com proposital indiferença:

— Amanhã eu envio um advogado para te ajudar! Agora vou dormir em paz e você trate de aproveitar a cela para pensar na vida!

Convencida de que a situação era apenas mais um pequeno problema gerado pela inconsequência de Pedro, Hortência se entregou ao sono e na manhã seguinte providenciou um advogado.

Após uma exaustiva luta judicial, várias despesas financeiras e profundo desgaste emocional, apesar de todos os esforços dos advogados, dez meses depois, Pedro recebeu a sentença de dez anos de prisão por invasão a domicílio, desacato a autoridade e resistência à prisão.

Obrigada a aceitar a condenação, que arrastou o nome da família para a lama, Hortência saiu do tribunal de cabeça baixa, semblante abatido, olhar perdido e voltou para a mansão solitária.

Encarcerado entre marginais de toda espécie, Pedro olhava para os detentos que disputavam a bola durante a partida de futebol, quando Vicente sentou-se ao lado e perguntou:

— Como você se chama?

Pedro correu os olhos pelo homem alto de pele morena, rosto fino e fisionomia serena, reparou as roupas brancas, voltou a atenção para o futebol e respondeu com certa antipatia:

— Meu nome é Pedro. E o seu?

Vicente estendeu a mão e se apresentou:

— Pode me chamar de Vicente! Eu vi quando você chegou hoje de manhã, por que está aqui?

— Fui condenado por assalto. Me meti em uma merda de confusão, era para ser apenas uma brincadeira.

Reparando no gorro de crochê branco, que cobria a cabeça de Vicente, Pedro debochou:

— O que é isso na sua cabeça? Por acaso você é bicha?

Mantendo a tranquilidade, Vicente respondeu entre risos:

— Não sou bicha, mas não tenho nada contra! Respeito todos! Eu uso esse gorro para proteger a minha cabeça.

— Proteger do sol?

— Não! É para proteger das energias negativas.

Pedro deu um sorriso sarcástico e perguntou:

— Você é macumbeiro?

— Não! Não sou macumbeiro! Sou filho de fé! Macumbeiro é um termo preconceituoso usado por pessoas que não conhecem os fundamentos da religião e sentem prazer em ofender o próximo.

Intrigado com a serenidade de Vicente, Pedro olhou de canto e questionou:

— Por que você está preso? Não me diga que é inocente!

— Sou inocente, mas também sou culpado.

— Como assim?

— Antes de vir para prisão, eu tinha um escritório de advocacia e vivia como qualquer pessoa, mas um dia a polícia invadiu a minha sala e me

levou preso. Mais tarde, fui informado de que estava sendo acusado de estelionato, mas nunca roubei nada.

Vicente fez uma breve pausa e continuou:

— Quando eu tinha vinte anos, fui assaltado e o ladrão levou a minha carteira. Eu fiz um boletim de ocorrência, novos documentos e toquei a vida. Dois anos após a minha condenação, o meu advogado descobriu que os documentos roubados foram adulterados e usados para abrir contas em bancos, fazer crediários em lojas, compras de imóveis, carros e vários golpes.

Pedro indagou:

— Se você é advogado, por que não faz alguma coisa para sair daqui?

— Não preciso, eu tenho um advogado que me defende, prefiro me ocupar com outras coisas e sei que vou sair na hora certa.

— Que coisas? Não tem nada para fazer nessa merda de lugar!

— Eu tenho! Passo grande parte do meu dia ocupado trabalhando em minha reforma íntima e ajudando aqueles que me procuram.

— Não entendi! Afinal, o que você faz por aqui?

— Como tenho curso superior, eu fico em uma cela especial. Os guardas sabem que sou inocente e me respeitam muito. Não sou um sujeito violento, fico sempre no meu canto, faço minhas orações e sempre ajudo quando posso. Por ter um bom comportamento, eu consegui permissão para transformar a minha cela em um pequeno quarto de atendimento. Uma vez por semana, eu faço trabalhos mediúnicos, atendo os detentos que procuram amparo espiritual e assim ocupo o tempo.

Pedro coçou a cabeça e interrogou:

— Você disse que é inocente, mas também é culpado, eu não entendi!

Vicente olhou fixamente e explicou:

— Em outra existência, eu fui um assaltante que esperava os viajantes na estrada e saqueava carruagens. Não sei quantos assaltos pratiquei, mas foram muitos. Naquela vida, eu nunca fui punido, pois não existiam policiais e rondas como hoje em dia, eram apenas os soldados imperiais que não davam muita importância para as questões do povo, apenas cumpriam ordens da coroa, então passei uma vida inteira roubando e hoje colho os frutos plantados naquela época. Estou nessa cadeia para quitar uma dívida, portanto, sou culpado por um crime que não cometi nessa vida, mas sim, no passado.

Com os olhos estalados, boca aberta e queixo caído, Pedro ficou mudo por alguns instantes, até finalmente soltar a gargalhada hilária:

— Cara, você é louco!

Sem deixar-se afetar pelo deboche, Vicente esperou Pedro parar de rir e continuou:

— Antes de reencarnar, eu aceitei essa prova! É uma oportunidade de quitar os meus débitos, ganhar consciência e elevação, pois cada vez que passamos por essas situações difíceis, acontece um tipo de purificação espiritual. Logo isso acaba, mas antes de sair dessa cadeia, tenho outra missão.

Contendo a gargalhada, que estava presa, Pedro perguntou:

— Que missão você tem agora?

Por meio da mediunidade bem trabalhada, Vicente observou atentamente o corpo espiritual de Pedro, viu a imagem de Bonifácio, notou Atanagildo parado ao lado e respondeu:

— A minha missão é tirar a venda dos seus olhos! Você não é uma pessoa ruim, mas abusou das brincadeiras, se meteu com más companhias, se perdeu no caminho e acabou parando aqui.

— Tirar a venda dos meus olhos! Que vendas?

Vicente pensou por alguns instantes, ouviu as sugestões de Atanagildo e perguntou:

— Quer conhecer o meu quarto?

— Conhecer o seu quarto? Você é bicha?

— Não sou bicha! Já expliquei! Não tenho nada contra as pessoas que escolhem esse caminho! Quero te mostrar meu trabalho. Se quiser, eu posso te ensinar algumas coisas que podem mudar a sua vida. A escolha é sua, estou fazendo a minha parte! Em breve, eu vou sair dessa prisão, se você for esperto poderá aprender bastante até o dia da minha liberdade.

Inexplicavelmente envolvido pela oferta, Pedro pensou por alguns instantes, se deixou levar pela curiosidade e se levantou respondendo:

— Está bem! Vamos, eu quero conhecer o seu trabalho!

Pouco depois, Vicente entrou no corredor, apontou a cela, apertou amigavelmente a mão do guarda e perguntou:

— Mariano, eu posso mostrar a minha cela para o novato? Quero que ele seja o meu futuro ajudante.

— Pode Vicente, quer que eu leve uma garrafa de café fresco?

— Não precisa, ainda tenho o café de hoje de manhã.

Mariano bateu levemente nas costas de Vicente e falou entre risos:

— Pô! Café velho ninguém merece! Depois eu levo um fresquinho para você!

Espantado com a cordialidade do policial, ao se afastar Pedro perguntou:

— Sempre te tratam assim?

— Sim! Os guardas respeitam a minha religião, às vezes participam dos trabalhos e muitos já passaram em consulta com os meus guias. Eles conhecem a minha história.

Ao entrar na cela, Pedro correu os olhos pelo pequeno altar improvisado em um nicho e interrogou:

— O que são essas imagens?

Vicente apontou e explicou:

— Aquele no alto é Oxalá, mas pode chamar de Jesus Cristo.

— E esses velhinhos de cabeça branca?

— Esse é Vovô Benedito e a Vovó Cambinda, são dois Pretos Velhos.

— Dá pra ver que são velhos mesmo! E aquele no cavalo?

— Aquele é Ogum, ou pode chamar de São Jorge.

Notando a desconfiança e risada contida que se estampava no rosto de Pedro, Vicente sentou-se na cama e falou com seriedade:

— Pedro, se você quiser pode mudar de vida, mas precisa confiar em mim! Sei que você nasceu em uma família rica, teve uma vida de playboy e sempre levou tudo na brincadeira, mas está na hora de assumir a missão que você aceitou antes de reencarnar!

Pedro interrogou com espanto:

— Como você sabe tudo isso sobre a minha vida?

— O seu guardião me contou.

— Quem? Que guardião?

— O seu guardião! Você sabe o que é um Exu?

— Exu? Só ouvi essa palavra uma vez na vida, e parecia que era a mesma coisa que falar do diabo!

— Isso é um equívoco! Exus e Guardiões são protetores que atuam na execução do carma e não tem nada de demoníaco! Você já ouviu falar em Exu Caveira?

— Eu não! Que nome mais esquisito!

— Pois se acostume, você tem um Exu Caveira bem do seu lado!

Pedro deu um salto, olhou para os lados e falou entre gargalhadas:

— Que susto! Você me pegou hein! Já sei, sempre gostei de pregar peças nas pessoas e agora você está fazendo o mesmo!

Vicente abaixou a cabeça, cerrou os punhos, estremeceu levemente e quando olhou com o semblante estranhamente modificado, Pedro deu um passo para trás, olhou para porta e quando pensou em correr, ouviu a voz grave:

— Não tente escapar! Sente a bunda aí, Pedro!

Notando que Vicente apontava para um banco, receosamente Pedro se sentou e perguntou entre risos nervosos:

— Caralho! Você está de brincadeira, né Vicente?

— Não é o Vicente, porra! Sou eu! O seu guardião!

— Ah, tá bom! Eu vou acreditar para não perder o amigo!

— Então você não acredita?

— Desculpe, mas não acredito nessas coisas! Sei que é brincadeira, uma piada!

— É mesmo? Por acaso você se lembra que quando era criança apareciam algumas frases na sua cabeça?

— Que frases?

— Frases do tipo: Pedrinho pule no sofá, corra pela sala, se pendure na cortina, faça a sua mãe passar vergonha!

Pedro se remexeu e murmurou:

— Toda criança faz isso!

— É verdade! Então me deixe pensar em outra coisa! Lembra-se da professorinha Daniela?

Pedro sorriu e respondeu:

— Tá cheio de professora Daniela pela cidade!

— Não estou falando de qualquer professorinha, quero falar de uma em particular, aquela que você achava gostosa! Na época você tinha quatorze anos e se sentava no fundo da sala para se masturbar durante a aula! Por isso sempre ficava na última fileira, assim ninguém via! Mas eu estava bem do seu lado e via tudo! Lembra-se dos seus pensamentos com a professorinha Daniela? Ahh! Toda a noite ela invadia os seus sonhos eróticos!

Pedro estremeceu e gaguejou:

— Como vo-vo-você sabe isso?

— Já falei, porra! Sou o seu guardião! Ah, ah, ah! Quer que eu fale mais para te convencer? Nós podemos conversar sobre aquela coisa que você fazia quando olhava para a sua babá, a Angélica!

— Não! Não precisa! Eu estou começando a acreditar!

— Pois então escute! A sua missão deveria ter começado aos 21 anos, já se passou muito tempo e você está atrasado! O Vicente pode te ajudar, ele é um bom homem e vai ensinar tudo que você precisa aprender! Fique com

ele e não se misture com os outros prisioneiros! Com o tempo, eles vão te respeitar, a maioria tem medo de macumbeiro! Aprenda com o Vicente, mude de vida e aproveite a oportunidade. Às vezes acontecem coisas que os encarnados julgam como ruins, mas são providências divinas para colocá-los no caminho e evitar coisas piores! Você foi preso, pegou uma pena alta e injusta, mas se souber se comportar pode sair bem antes do tempo. A escolha está em suas mãos.

Quando o guardião se calou, Vicente estremeceu, alisou o rosto, esticou o braço e pediu:

— Me traga um copo com água!

Pedro atendeu prontamente ao pedido e perguntou com perplexidade:

— O que aconteceu?

— Foi o seu guardião, ele estava insistindo, então decidi dar passagem! Eu percebi que ele queria muito falar com você. Espero que tenha ajudado.

Notando que Pedro não encontrava palavras, Vicente explicou:

— Normalmente, dou passagem apenas para o meu Exu, mas quando é necessário, eu abro campo para outros irmãos!

Pedro perguntou com desconfiança:

— Você conheceu a professora Daniela do colégio Santo Inácio?

— Não! Nunca ouvi falar! Nem sei onde fica esse colégio.

— Você conheceu minha mãe?

— Pedro, eu não sei nada da sua vida! Acredite, quem falou foi o seu guardião, ele te conhece!

Aturdido com a surpreendente comunicação, Pedro sentou-se ao lado de Vicente e perguntou:

— O que faço agora?

— Não sei rapaz! A escolha é sua! Eu estou disposto a te ensinar tudo que sei, mas para isso, você terá que levar a coisa a sério! Chega de brincadeiras inconsequentes! Brincar é bom, traz felicidade e alegria para a vida das pessoas, mas existe um limite para tudo! Você não pode diminuir, ofender os seus irmãos e achar que a vida é uma eterna brincadeira!

Pedro acenou a cabeça concordando e pediu:

— Será que posso dividir a cela com você?

— Os guardas não vão deixar. Você não tem curso superior, é recém-chegado e não tem um histórico de boa conduta, então terá que ficar com os outros prisioneiros, mas de dia ficarei com você.

— E como devo fazer pra começar esse treinamento?

— Você vai começar cambonando.

— O que é isso?

— Nos sábados eu faço um trabalho discreto, é um tipo de gira em que vêm alguns detentos e os guardas. Você vai ajudar nesses trabalhos e aos poucos começará a aprender como acontece a incorporação. É imprescindível estudar, essa tarefa exige conhecimento. O que me diz? Aceita?

Pedro acenou a cabeça concordando e indagou:

— E depois que você for embora?

— Se tudo der certo, você pode continuar no meu lugar, os prisioneiros recebem muita ajuda dos guias e isso faz bem para todos.

Vicente fez uma breve pausa e continuou:

— Pedro, o meu guardião disse que tenho mais um ano e seis meses para cumprir pena, depois serei liberado, até lá você pode aprender muita coisa.

Comovido com a sensação de contentamento, até então desconhecida, Pedro apertou a mão de Vicente, sorriu com alegria e selou o pacto de trabalho que deu início a uma grande amizade.

Motivado pelo ideal supremo, que em pouco tempo o fez perceber a importância da vida digna em harmonia com a Ordem Divina, Pedro operou uma mudança drástica.

Apoderando-se da luz espiritual que já trazia de outras existências, ele deu vazão à mediunidade ostensiva, que unida à bondade e a humildade, conseguiram dominar o ego que, grande parte da vida ficou no comando.

Capítulo 4

O Caminho da Luz

Um ano e meio depois, Vicente arrumava a mala e acomodava as imagens entre as roupas, quando Pedro entregou a estátua de Oxalá e aconselhou:

— É melhor enrolar o nosso Pai Oxalá na jaqueta, assim não quebra.

— Não Pedro, essa imagem vai ficar com você, ela será a primeira do seu altar.

Pedro contraiu o rosto mostrando dificuldade para compreender e perguntou:

— Que altar? Não tem espaço para fazer altar na minha cela.

— Eu conversei com os guardas, eles vão permitir que você fique em minha cela, mas se outro detento precisar, você terá que sair. Dificilmente aparecerá alguém para tirar o seu lugar, essa cela é para políticos ou pessoas com curso superior, uma classe que fica bem longe das grades.

Pedro o abraçou carinhosamente e falou controlando a emoção:

— Quando a minha pena acabar, eu vou te visitar! Sou muito grato por tudo, você me ajudou a voltar para o caminho que eu nunca deveria ter saído.

— O meu endereço está na gaveta, eu estarei de braços abertos! Mantenha o seu Ori protegido, não se deixe enredar pelas energias negativas, mantenha a fé e confie no seu guardião!

— Eu confio, ele me disse que vou sair em poucos anos.

— Enquanto você estiver aqui, ajude os outros detentos, muitos precisam de ensinamentos e boas palavras.

Vicente o abraçou demoradamente, olhou ao redor como quem tenta memorizar cada detalhe, agradeceu a Deus pela quitação de mais um débito contraído no passado e voltou para casa.

Após a partida de Vicente, Pedro iniciou uma nova etapa da caminhada. No comando do trabalho mediúnico, entre as atividades na penitenciária e os estudos, todos os sábados, ele abria a cela, organizava a fila de atendimento e dava passagem para Atanagildo, que aconselhava os detentos e guardas, jogava luz nas mentes obscurecidas e acalmava os corações revoltados falando de Jesus.

Em 1951, oito anos após a condenação, Pedro foi chamado à sala do diretor, que além de admirá-lo pelo bom comportamento, escondia uma grande curiosidade em relação aos trabalhos espirituais.

Ao entrar no escritório de Moisés, Pedro olhou detidamente para os quatro policiais acompanhados por guardiões, estremeceu e falou entre risos:

— Essa sala está bem cheia!

Habitado às visões do detento, Moisés perguntou entre risos:

— Quantos mortos você está vendo?

— Cinco, acho que são os guardiões de vocês.

Depois de trocar olhares desconfiados, o guarda Mariano falou:

— Esse daí pegou a mania do Vicente! Depois que virou macumbeiro, começou a falar com os mortos e agora até deixa o fantasma entrar no corpo.

Recebendo de bom grado a brincadeira, Pedro sorriu:

— Até o José Carlos está com um Exu do lado!

José Carlos, que respeitava a religião dos detentos, mas dizia-se evangélico fervoroso, deu um salto olhando para os lados e se sacudiu reclamando:

— Para com isso! Eu não tenho esse bicho do meu lado! Vou até sair daqui!

Quando José Carlos saiu às pressas e fechou a porta, o grupo caiu na gargalhada, Moisés balançou a cabeça entre risos e perguntou:

— Pronto para ir embora?

Surpreso com a pergunta, Pedro se calou por alguns instantes e respondeu:

— Eu pensei que vocês queriam fazer alguma consulta. Eu posso ir embora? É sério? Estou livre?

— Sim! A sua condicional foi liberada e você poderá sair em um mês.

— Mas justo agora? Tem um grupo de detentos que está se desenvolvendo muito rápido, como eles vão fazer sem a minha ajuda?

Mariano falou:

— Cara, você quer ficar preso? Por acaso é maluco?

Pedro pensou por breves segundos e respondeu:

— Aqui dentro eu tenho tudo que preciso. Não me falta comida e abrigo, eu posso estudar, fazer os meus trabalhos espirituais, atender os detentos e ajudar meus irmãos.

Moisés explicou:

— Pedro, você vai ficar alguns anos em regime semiaberto e terá que voltar toda a noite para dormir. Se quiser, pode continuar com o trabalho, mas uma hora você vai ter que cair fora de vez! Eu entendo a sua dedicação, mas aqui não é lugar de gente como você, estamos cercados por marginais perigosos e a maioria não quer saber de religião. Durante uma rebelião esses sujeitos não teriam a menor piedade.

Ouvindo os conselhos de Atanagildo, que acompanhava os outros guardiões presentes na sala, Pedro se calou olhando fixamente para o horizonte que se desdobrava na janela e murmurou:

— Eu entendo. O senhor tem razão, não posso me esquecer de que grande parte dos detentos não quer saber de mudanças, estão totalmente dominados pelas trevas e não perderiam a oportunidade de acabar comigo.

—Exatamente, lá fora você poderá ajudar as pessoas, mas sem tantos riscos.

Notando que Jorge olhava fixamente pela janela e parecia desconectado da realidade, Moisés perguntou entre risos:

— Será que ele está ouvindo os mortos? Conta aí, Pedro, o que a alma está falando?

— Ele disse que minha missão aqui já acabou! Que eu devo sair porque já corri muitos riscos.

— Está vendo? Até o morto concorda que você tem que ir embora! Escute Pedro, nós conhecemos os seus antecedentes, a sua sentença foi exagerada, quatro ou cinco anos de prisão eram mais do que suficientes, você não precisa continuar nesse inferno.

Pedro acenou a cabeça com pesar, apertou a mão dos policiais e disse com humildade:

— Eu agradeço por tudo que fizeram por mim! Sem a colaboração de vocês, eu não teria feito o meu trabalho e muitos detentos não teriam recebido ajuda.

Mariano respondeu com sincero respeito:

— Eu que agradeço Pai Pedro!

— Não sou um babalorixá, apenas um aprendiz e ainda tenho muito que aprender.

No decorrer das semanas seguintes, Pedro trabalhou em ritmo acelerado para preparar o detento que ocuparia o seu lugar e daria continuidade ao projeto de elucidação. Um mês depois, com o coração em paz e cheio de confiança, ele colocou a mochila nas costas, olhou carinhosamente para a cela, que o ensinou humildade e o valor do trabalho, abraçou Mariano e falou:

— Meu amigo, eu te vejo em breve, daqui a pouco eu volto.

— Vai ser difícil! Eu trabalho de dia e você só pode entrar a noite, mas desejo muita sorte lá fora.

— O Andrade vai ficar no meu lugar, ele está pronto para continuar o trabalho. Se puder ajudá-lo, eu ficarei grato, ele não é má pessoa, apenas se perdeu na vida, assim como eu e tantos outros.

— Pode deixar Pai Pedro, eu farei o possível. Se você quiser, eu posso pedir para alguém levá-lo para casa.

— Não precisa, o Moisés me deu alguns passes de ônibus e uns trocados. É o suficiente.

Mariano abriu os braços e pediu:

— Então me dê um último abraço e vá com Oxalá! Sou muito grato, você e o seu Exu me ajudaram demais.

Reconhecendo a sinceridade, Pedro o abraçou, se despediu dos outros guardas e minutos depois atravessou o portão que o separava da liberdade.

Sem os mesmos ímpetos da juventude e com uma visão de mundo completamente diferente, Pedro observou a rua movimentada, se perguntou o que fazer da vida e caminhou sem rumo até decidir voltar para casa.

Quase duas horas mais tarde, sentado no ônibus, que lentamente vencia o engarrafamento, ele se lembrou de Vicente e sentiu o ardente desejo de rever o grande amigo.

Depois de saltar do ônibus, pegar outra condução e enfrentar mais algumas horas de baldeação, Pedro parou na frente do endereço, bateu palmas e logo foi recebido por Bernadete, que abriu a porta com um largo sorriso e falou:

—Moço, eu não quero comprar nada, não. Muito agradecida.

Ao perceber a negra corpulenta com um sorriso largo que mostrava os dentes branquíssimos e bem alinhados, ele retribuiu a simpatia e pediu:

— Eu posso falar com o Pai Vicente?

Reparando a roupa branca de algodão, Bernadete perguntou:

— Você é Pai de Santo ou médium? O Vicente tá no barracão.

— Sou médium aprendiz e amigo do Vicente, quero muito falar com ele!

— Pode entrar moço! Eu já sei de onde você conhece o Vicente, é da prisão, não precisa ficar sem jeito, aqui a gente recebe todo mundo de coração aberto.

— A senhora é parente do Vicente?

— Sou a mulher dele, sei que você vai falar que sou muito nova, mas amor não enxerga idade! Nós temos quase vinte e cinco anos de diferença, mas até hoje isso nunca foi problema.

Quando Vicente entrou na sala e viu Pedro parado na porta, no mesmo momento deu um sorriso contente e abriu os braços mostrando a alegria de quem reencontra um irmão de alma:

— Eu pressenti que você estava chegando! Que saudade, meu irmão!

Contendo as lágrimas emocionadas, Pedro retribuiu o abraço, olhou fixamente nos olhos de Vicente, que continuavam expressando a humildade de sempre e falou:

— Eu saí hoje de manhã e decidi vir direto para cá!

— Venha, vamos tomar um café.

Minutos depois, enquanto compartilhavam o café perfumado preparado por Bernadete, Vicente perguntou:

— E agora? O que você pretende fazer da vida?

— Eu não sei, confesso que estou perdido. Não tenho estudo, experiência e idade para ingressar no mercado de trabalho. Para ser sincero, a vida só tem sentido quando estou na minha missão.

Notando que, discretamente, Bernadete olhava indicando os fundos da casa, Vicente refletiu por alguns instantes e disse:

— Pedro, se você quiser pode ficar aqui. Tem um quartinho livre nos fundos da casa, não tem luxo, mas você poderá viver em paz. Eu separei uma parte da casa para atender os consulentes e deixei o resto para me acomodar com a Bernadete e os meninos. O espaço é um pouco apertado, mas a gente se acostumou.

— Meninos? Você tem filhos?

—Tenho dois meninos que eram pequenos quando fui para a cadeia e hoje são rapazinhos.

— Ficar com vocês? Mas não vou atrapalhar?

—Você pode me ajudar nos atendimentos auxiliando os consulentes, ajudar com as coisas da casa e estudar no tempo livre.

— Mas eu não tenho como pagar o aluguel.

— Eu não vou cobrar aluguel! Estou oferecendo um espaço para você viver em paz!

Pedro coçou a cabeça, alisou a nuca, contraiu o rosto e questionou:

— Eu fico muito grato, mas como vou comer? Não posso viver às suas custas!

— Você vai receber pelo trabalho, não é grande coisa, mas o suficiente para comer. Veja bem, Pedro, eu e a Bernadete dedicamos as nossas vidas para a tarefa espiritual. Na medida do possível, nós fazemos alguns trabalhos extras lá fora para aumentar a renda. Enquanto a Bernadete faz faxinas e artesanatos, eu corto a grama dos vizinhos, presto serviço de eletricitista e assim vamos vivendo, mas para manter a casa, nós usamos o dinheiro que entra no terreiro.

Pedro contraiu o rosto mostrando certa reprovação e indagou:

— Vocês cobram pelo atendimento? Isso não é errado?

— Nós fazemos vários trabalhos gratuitos e alguns pagos, mas nunca deixamos de atender por falta de pagamento. Duas ou três vezes por mês, nós oferecemos consultas particulares, são valores simbólicos que ajudam a manter a casa. Pode olhar ao redor, nós vivemos com humildade e cobramos apenas o necessário para sobreviver. Se você quiser me ajudar, eu posso pagar o suficiente para você comprar o básico.

— Não Vicente! Eu não posso viver aqui de graça e não consigo cobrar pelo trabalho com as entidades. O que recebo de graça tenho que dar de graça!

— Pedro, não confunda trabalho espiritual com escravidão! As coisas não são bem assim. As pessoas decidiram dogmatizar o exemplo de um médium que escolheu dedicar à vida à caridade e agora acham que todos devem fazer igual. Ninguém pondera que alguns irmãos se voltam totalmente para a caridade porque estão devolvendo o que tiraram em outra vida.

Vicente fez uma pausa tentando escolher boas palavras e continuou:

— Pedro, nós precisamos comer e pagar as contas para continuar com o trabalho. Não podemos usar a mediunidade para enriquecimento, mas temos o direito de cobrar um valor simbólico. Veja bem, nós precisamos pagar água, luz, velas, manutenção e limpeza da casa.

— Eu entendo Vicente, mas as pessoas falam tanto que o trabalho mediúnico tem que ser de graça!

— Pedro, observe que, a maioria das pessoas que defendem o trabalho mediúnico totalmente gratuito, são as mesmas que trabalham um ou dois dias por semana em alguma casa de assistência espiritual, depois de duas ou três horas de trabalho voluntário vão embora sorrindo porque fizeram a sua parte, mas em nenhum momento cogitam a possibilidade de abandonar o trabalho remunerado para se dedicar integralmente a espiritualidade. Você está me entendendo?

— Sim, eu entendo, só tenho medo de errar novamente.

— Não dê atenção para pessoas dogmáticas e preconceituosas. O dia que elas decidirem dedicar todos os dias da vida ao trabalho espiritual, vão entender a necessidade de cobrar em algumas ocasiões. Você precisa ter um pouco de dinheiro, como fará para comprar roupa, calçados ou pagar o transporte quando precisar sair?

Pedro respondeu entre risos:

— Não sei Vicente, preciso me acostumar com a ideia!

— Aceite Pedro, aqui você poderá continuar com o seu trabalho e com o tempo poderá atender com o seu guardião.

— Está bem, eu aceito, mas antes preciso visitar a minha mãe, ela nem sabe que eu saí da cadeia e sofreu muito nos últimos anos.

— Ela foi te visitar na prisão?

— Não foi e eu nunca esperei. Uma vez por mês, ela mandava algum empregado levar as coisas que gostava, mas nunca foi pessoalmente. A minha mãe ficou arrasada com a minha prisão, foi uma vergonha para o nome da família.

— Então visite a sua mãe, conte sobre a sua nova vida e depois volte para trabalharmos juntos!

No final da tarde, Pedro se despediu de Vicente com a promessa de retornar no dia seguinte e seguiu para a casa de Hortência, que há anos vivia na companhia dos empregados.

Após a calorosa recepção e um jantar com tudo que Pedro gostava, Hortência o puxou para a sala, sentou-se no sofá e disse com lágrimas nos olhos:

— Filho, eu estou tão feliz que você voltou para casa! Eu me sinto tão sozinha, sempre imaginei essa mansão cheia de netos, mas o que vejo é apenas um enorme espaço vazio.

— Eu sei mãe, mas não posso ficar aqui! A minha vida é outra!

— Eu sei, você passou o jantar inteiro falando sobre esse seu trabalho, mas até agora não entendi muito bem. Na verdade, nunca quis saber dessas religiões que falam com os mortos. Só não me diga que você está aprontando de novo?

— Não mãe, eu não estou aprontando, eu dedico a minha vida à espiritualidade e quero distância das coisas que fiz no passado. Eu vou morar com um amigo que faz trabalhos mediúnicos.

Hortência olhou de canto mostrando reprovação e pediu:

— Filho, tome cuidado com essas coisas de espiritismo e macumba. Dizem que é perigoso.

— Mãe, na prisão eu me tornei umbandista, mas não precisa ter medo, eu faço apenas trabalhos para o bem. É muito diferente do que as pessoas pensam.

Hortência pensou por alguns momentos e concluiu:

— É melhor do que viver com más companhias! Eu não posso obrigá-lo a ficar em casa, mas venha me visitar quando puder.

— Prometo visitá-la toda a semana.

— Como é esse lugar onde você vai ficar?

— É muito humilde e bem diferente de tudo que tem por aqui, mas é onde vou cumprir a minha missão.

Notando o olhar preocupado, Pedro beijou carinhosamente a testa de Hortência e pediu:

— Não se preocupe, eu estou bem. Quando entrei nesse caminho comecei a ter paz e me livreí daquela inquietação que sempre me lançava em uma busca desenfreada por novidades e emoções.

— Está bem, meu filho, eu vou ajudar como for possível, mas não posso me meter com essas coisas, não fica bem para uma pessoa na minha posição.

— Eu sei, não se preocupe, eu entendo a senhora.

Após uma agradável noite ao lado de Hortência, no dia seguinte, Pedro levantou cedo e quando abriu a porta para sair, ouviu o apelo:

— Espere meu filho!

— Desculpe sair assim, mãe, eu não queria te acordar, nós fomos dormir muito tarde ontem.

— Eu entendo meu bem, eu quero que você pegue esse dinheiro, ele te ajudará por um tempo. Depois eu te dou mais, não quero que passe necessidades.

Pedro empurrou carinhosamente o maço de células e explicou:

— Mãe, eu nem sei o que fazer com todo esse dinheiro. Aprendi a viver com pouco e hoje não vejo sentido em ter tantas coisas. Eu agradeço muito, mas hoje em dia o meu tesouro é outro. Acredite, eu tenho tudo que preciso.

— Você não quer levar as suas roupas?

— Eu peguei algumas peças, é o suficiente, não preciso de um guarda-roupa cheio.

Pedro abraçou Hortência demoradamente, deu-lhe um beijo na testa e se afastou com o coração leve.

Acomodado no quarto cedido por Vicente, ele se entregou definitivamente aos trabalhos mediúnicos e durante dez anos trabalhou ao lado de Vicente, que também realizava com dedicação a missão assumida antes da reencarnação e durante a vida ajudou centenas de pessoas.

Após o desencarne de Vicente, Pedro assumiu a direção dos trabalhos e três anos depois se casou com Bernadete, a amiga e companheira que o ajudou até os últimos dias da existência no campo terreno.

Perto de completar 70 anos de idade, Pai Pedro lutava contra o cansaço, insistia em continuar à frente dos trabalhos mediúnicos e sempre se

emocionava com a oportunidade bendita de servir.

Consciente de que o compromisso espiritual era a sua escada de ascensão, ele trabalhava dia após dia e quase sem descanso, mas sentia-se sempre revigorado pela benção da mente tranquila e do coração em paz.

Depois de mais um trabalho de esquerda, Pedro ajudou Bernadete a fechar a casa, bebeu uma xícara de chá, se deitou, pouco tempo depois adormeceu profundamente e quando acordou com a intensa luminosidade, olhou para os lados e chamou:

— Bernadete! O que aconteceu? Por que esse quarto está tão claro?

Com os olhos cerrados tentando enxergar em meio à luminosidade, ele observou a silhueta caminhando lentamente em sua direção e quando ouviu a gargalhada de Atanagildo, acomodou-se com inquietação e perguntou:

— Caveira? É o senhor?

Atanagildo parou ao lado da cama e respondeu:

— Sim, meu velho amigo, sou eu, o Caveira, mas se preferir, pode me chamar de Atanagildo!

Tentando acostumar os olhos a claridade, Pedro piscou algumas vezes, notou que estava em outro lugar e interrogou:

— Atanagildo? Por que resolveu me falar o seu nome agora? O que está acontecendo? Que lugar é esse? Não parece o meu quarto.

— Você não suspeita que lugar é esse? Pense um pouco! Ontem, antes de se deitar, você estava se sentindo incomodado com aquela dorzinha no peito, se lembra?

— Sim, é verdade, aquilo estava me atrapalhando, mas pelo visto melhorou, não sinto nada.

— Você não se pergunta por que a dor desapareceu? Por que veio parar nesse lugar?

Notando que em meio a claridade, vários leitos se mostravam com mais nitidez, Pedro abaixou a cabeça e respondeu lentamente:

— Eu... Eu... Eu desencarnei estou em um hospital.

— Sim, isso mesmo, Pedro! Foi uma passagem rápida e sem sofrimentos. Eu fiquei com você o tempo todo! Na verdade, eu e mais um grupo de amigos fizemos o desligamento. Todos estão muito felizes com o seu retorno, mais tarde você poderá vê-los.

Dividido entre sentimentos de alívio e saudades de Bernadete, Pedro se calou e após vários segundos de introspecção, falou entre risos:

— Então eu morri! Está certo, um dia todo mundo morre. Para onde iremos agora? Não me diga que vou ficar aqui!

Atanagildo gargalhou alto e respondeu:

— Vamos para o Ministério do Esclarecimento, os nossos amigos já estão esperando! Mas antes me diga, você se lembra de quem foi antes de reencarnar?

— Não me lembro de tudo, mas sei que trabalhei em cemitérios, acho que fui um Exu Caveira e o meu nome era Bonifácio. Quando eu estava encarnado, as memórias espirituais brotavam às vezes, mas eu não tinha certeza.

— Em breve você se lembrará de muitas coisas. Você é um espírito adiantado e não terá dificuldades para recordar. No século XIX, nós vivemos na França, fomos grandes amigos e aprontamos bastante. Posso dizer que éramos dois bons-vivants, mas depois do desencarne aprendemos muitas coisas, principalmente o valor da vida na matéria e a importância de aproveitá-la com sabedoria.

Pedro sorriu com empolgação e respondeu:

— Eu me lembro de você, Atanagildo, meu velho e bom amigo! Como andam as anedotas desse lado?

— Nada de anedotas! Acompanhando a sua trajetória, eu também aprendi muito e fiquei um pouco mais sério. É claro que o seu crescimento foi muito maior, mas em breve terei a minha oportunidade de polir os traços que aguardam melhoria. Agora vamos, temos uma reunião!

Pouco depois, Pedro e Atanagildo entraram na sala do esclarecimento e prontamente foram recebidos por Aluísio, que se aproximou falando:

— Seja bem-vindo, Pedro! Você se lembra de mim?

— Sim Aluísio, quando eu decidi reencarnar, você se prontificou para ser o meu mentor!

— Fico feliz que você tenha recordado tão rápido! Vamos nos sentar!

Quando todos se acomodaram, Aluísio explicou:

— Pedro, nós não vamos expor os erros que você cometeu durante a vida, porque não existe a necessidade. Durante a caminhada, você conseguiu reconhecer os desvios que atrasaram o adiantamento espiritual, se

arrependeu e sofreu com a vergonha e a culpa pelas escolhas impensadas. Não precisamos mostrar algo que você já viu, entendeu aprendeu.

— É verdade, creio que seja desnecessário e confesso que não tenho a mínima vontade de ver tudo novamente! Em muitas ocasiões eu mergulhei em minhas lembranças e avaliei as escolhas erradas.

— Após a sua conscientização você fez uma bela trajetória e se dedicou integralmente a sua missão, contudo, conseguiu fazer apenas vinte por cento do prometido.

— O quê? Só vinte por cento? Depois de tantos anos de trabalho?

Atanagildo deu de ombros, sorriu e comentou:

— É meu amigo, você demorou para começar, mas antes tarde do que nunca!

Aluísio explicou:

— Segundo a programação, era para você começar o trabalho espiritual aos 21 anos de idade, mas você decidiu aproveitar as distrações mundanas e esperou até os quarenta anos. Apesar de adiar durante muito tempo, você ainda conseguiu fazer bastante.

— Graças a Deus eu não perdi a existência inteira! Ainda consegui despertar a tempo de aproveitar.

— Sim, não foi uma existência perdida. Agora você precisa decidir se prefere reencarnar e dar mais um passo, ou continuar como guardião no plano espiritual.

Pedro perguntou:

— Quais as condições para a nova reencarnação?

— As mesmas! Você vai reencarnar em uma família rica, terá muitas oportunidades para se perder nos deslumbres da matéria, após certa idade poderá trabalhar com a espiritualidade e assim por diante. Não tem muita diferença no planejamento, apenas desafios para que você consiga apagar definitivamente esses traços de sarcasmo que escondem arrogância e outros pontos negativos. Eu aconselho que comece a se corrigir, principalmente quanto aos excessos de palavrões, que ainda não foram totalmente superados.

Atanagildo comentou:

— Você reencarnou com o repertório bem impróprio na ponta da língua e quase matou os seus pais de desespero. Nos últimos anos de vida você melhorou bastante, mas ainda precisa trabalhar um pouco mais.

Aluísio olhou de canto e repreendeu:

— Você também, Atanagildo, não esqueça que eu acompanhei o seu trabalho com o Pedro e cansei de alertá-lo sobre os excessos de palavras inadequadas.

Atanagildo conteve o sorriso debochado e respondeu com seriedade:

— Sim senhor, eu sei que exagerei. Não deveria ter falado tantos palavrões durante o atendimento dos consulentes, mas também melhorei muito com o Pedro.

— Está certo, está certo, ambos cresceram com esse trabalho, mas precisam se cuidar!

Olhando de canto para Atanagildo, que mantinha o hábito de rir em momentos inadequados, Pedro se concentrou para não cair na gargalhada e perguntou:

— Se eu ficar vou continuar trabalhando no cemitério?

— Você continuará como guardião, mas dessa vez em outra falange. Você será direcionado para os terreiros e poderá trabalhar com os encarnados. A

princípio, a oferta é para continuar no terreiro que você trabalhou com o Vicente.

Pedro questionou com certa ansiedade:

— E o Vicente? Onde ele está?

— O Vicente está em um anel superior, se quiser poderá visitá-lo. Mas primeiro você precisa decidir o que quer fazer de agora em diante.

— Prefiro ficar por aqui e fazer o trabalho no terreiro.

— Muito bem, então vou dar o esclarecimento como encerrado, não existem motivos para prolongar essa reunião.

Após uma breve conversa com os amigos que acompanharam o desenvolvimento do estágio na matéria, Atanagildo acompanhou Pedro até a colônia onde Vicente trabalhava.

Parados diante do belíssimo prédio branco com arquitetura clássica e grandes janelas, Pedro perguntou:

— Que lugar é esse, Atanagildo? Não consigo recordar.

— Chama-se Casa Literária. O Vicente vai te explicar melhor. Olhe, ele está vindo!

Ao avistar Vicente, Pedro abriu os braços e falou com entusiasmo:

— Quem te viu e quem te vê! Você está rejuvenescido! Não me diga que virou mentor?

Depois de corresponder ao abraço caloroso, Vicente respondeu:

— Não sou mentor, meu amigo, ainda tenho muito chão pela frente! Mas fui abençoado com o convite para administrar a Casa Literária e agora trabalho com escritores.

— Escritores? Como assim?

— Eu administro os ensinamentos que serão levados para o planos físico. Esse prédio é como uma imensa biblioteca com infinitas histórias. Aqui nós selecionamos o que será enviado para os escritores encarnados. Tudo que é escrito na Terra, sai de uma casa como essa.

Pedro indagou com espanto:

— E você administra tudo isso?

— Eu e uma porção de ajudantes. Conto com uma equipe que me ajuda.

Novamente Pedro o abraçou:

— Estou muito feliz por você, Vicente! Durante a vida você sempre gostou de estudar e vivia cercado de livros.

— É verdade, eu carrego esse gosto há muitas vidas. E como foi o seu esclarecimento?

— Foi muito tranquilo, eu não aproveitei o projeto reencarnatório como deveria, mas estou satisfeito. Os amigos me receberam de braços abertos e antes de vir ao seu encontro, eu visitei alguns dos irmãos que foram meus guias e trabalharam comigo na Terra.

— E o que você vai fazer agora? Pretende reencarnar?

— Quero ficar aqui por um tempo. Eu fui convidado para trabalhar em nosso antigo terreiro.

— É mesmo? Conte comigo para o que precisar, eu quero colaborar! A Bernadete é uma grande mulher e ainda tem alguns anos para se dedicar ao terreiro. E antes que você me pergunte... Eu sei que você se casou com a Bernadete, não se preocupe, ela tinha uma missão conosco.

— Para ser sincero, eu não estava preocupado com isso, nós já aprendemos que o amor verdadeiro não admite sentimentos de posse, por isso nunca me culpei por ficar com a Bernadete.

— A nossa jornada juntos já vem de muitas vidas. Posso dizer que foi uma alegria ter você e a Bernadete ao meu lado no último estágio.

Após uma longa conversa, Pedro se despediu de Vicente e foi ao encontro de Atanagildo, que aproveitava a visita para conhecer a colônia.

Notando que, há algum tempo, Atanagildo aguardava o momento certo para conversar algo particular, Pedro aproveitou a paisagem da colônia, se sentou em um banco protegido pelos galhos verdes da árvore frondosa e perguntou:

— Atanagildo, é impressão minha ou você quer falar alguma coisa?

Atanagildo olhou fixamente, hesitou por alguns instantes e respondeu:

— Pedro, eu também preciso reencarnar. Admito que como seu guardião, acabei cometendo alguns erros, mas fiz o possível para ajudá-lo e protegê-lo. Ciente da minha inexperiência, o Aluízio me acompanhou de perto, então os deslizes foram poucos.

— Meu amigo, você foi um ótimo guardião. Para ser sincero, eu acho que, em algumas ocasiões, você exagerava com os palavrões, mas isso não é o fim do mundo. Devo muito a você.

— Eu conversei com o Aluízio e consegui permissão para tê-lo como guardião, se você aceitar a tarefa eu ficarei muito feliz, será bom ter um grande amigo ao meu lado. Te digo que não é fácil, o espírito encarnado fica surdo, cego e completamente inepto, mas aprendemos juntos.

Pedro sorriu com contentamento, bateu levemente no ombro de Atanagildo e respondeu:

— É claro que aceito, vou me preparar para a tarefa e farei o melhor. Quando você pretende ir?

— Em breve, mas ainda não sei exatamente quando.

— Você já conhece os seus pais?

— Sim, são pessoas humildes, eu não terei as facilidades e tentações da riqueza, mas encontrarei outros desafios.

— Eu estarei com você, não tenha dúvidas.

Atualmente Pedro é um dos guardiões que se apresentam no terreiro onde passou os últimos anos da existência.

Amparando e protegendo Bernadete, que auxilia o filho mais velho no trabalho mediúnico, ele prossegue a caminhada enquanto aguarda a oportunidade de acompanhar Atanagildo.

E assim segue a marcha evolutiva, em um constante vai e vem que dá ao espírito a oportunidade de experienciar diversas situações, ganhar consciência, lapidar os pontos inferiores, resgatar os débitos passados, se depurar e conquistar degraus cada vez mais elevados.

Nessa jornada, todos contam com amigos sempre dispostos a estender as mãos e ajudar na caminhada, mas apenas os espíritos movidos pelo ardente desejo de evoluir conseguem dar grandes passos.

Sete Porteiras – Agosto 2021

Fim

CONHEÇA AS OUTRAS OBRAS DA ESCRITORA

1. Guardiã: A Luz na Escuridão
2. Tragédia na terra: A História de Zulmira
3. Romeiro do astral
4. A Odisseia de Um Preto Velho
5. Memórias de um Malandro
6. A Casa das Loucas
7. Caminhos de Vitória
8. Los Três Ciganos
9. Contos de Malandro

10. Contos de Senzala

11. Contos de Guardiã

12. O Lado Oculto da Gira

13. Contos de Boiadeiro

14. Amélia

15. Contos de Baiano

16. Uma Lua de Mel Arretada

17. O Pistoleiro do Sertão

18. O Santinho do Sertão

19. Tudo Sob Controle

20. As fantasias de Maricóta

21. Em Nome do Perdão

22. Contos de Guardiã Vol. II

23. Contos de Malandro Vol. II

24. Contos de Cigano

25. O Outro Lado Oculto da Gira

26. O Bom Baiano

27. Os Caminhos da Ilusão

28. La Chica

29. O Retorno do Guardiã

30. O Assediador

31. O Velho da Porteira

32. Papai Não Pode Morrer

33. Os Intocáveis do Além

34. A Queda do Sacerdote

35. Contos de Senzala Vol. II

36. O Egum

37. Contos de Malandro Vol. III

38. Os Extremos da Fé

39. A Cabritinha

40. Contos de Baiano Vol. II

41. Enigmas do Céu e do Mar

42. O Mundo dos Suicidas

43. Um Parafuso a Menos

44. Contos de Boiadeiro Vol. II

45. Os Fofoqueiros

46. Um Anel Dentro de Outro Anel

47. Reencontros e Reajustes

48. Lebeau: A Intrigante História de um Guardião

49. A Prova Final

50. Ventre Livre

51. O Expatriado

52. Desventuras de Um Pirata

53. Contos de Senzala Vol. III

54. Um Espírito Ensinou

55. O Roque da enxada

56. Contos de Guardiã Vol. III

57. Contos de Malandro Vol. IV

58. Os sete boiadeiros

59. Histórias de Cemitério Vol. I

60. O Mediador Vol.I

61. O Mediador Vol. II

62. O Mediador Vol. III